

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL – PUCRS  
FACULDADE DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS HUMANAS  
DOUTORADO EM FILOSOFIA**

**Fabiano Pures Paes**

**ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT  
MARCUSE E SEUS EFEITOS NA LÓGICA SOCIAL DO CONSUMO  
FUNDAMENTADA POR JEAN BAUDRILLARD**

**PORTO ALEGRE/RS**

**2010**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT  
MARCUSE E SUAS RELAÇÕES NA LÓGICA SOCIAL DO CONSUMO  
FUNDAMENTADA POR JEAN BAUDRILLARD**

**Tese referente ao Curso de  
Doutorado em Filosofia da  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul, orientado  
pelo Prof. Doutor Roberto Pich.**

**PORTO ALEGRE/RS  
2010  
FABIANO PURES PAES**

*Dedico este trabalho ao amor da minha vida, minha Dani.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a oportunidade que me ofereceu de integrar o seu quadro de alunos e com isso instigar minha capacidade crítica e reflexiva necessárias ao desenvolvimento de um projeto dessa natureza.

Aos professores que integram o corpo docente do Doutorado em Filosofia desta universidade, em especial, aqueles que com seu brilhantismo e paixão pelo que fazem nos provocaram a alçar vãos mais altos.

Ao meu orientador - grande gremista, professor Roberto Hofmeister Pich, fica um agradecimento especial por suas reflexões admiráveis, incentivo e companheirismo incondicional. Suas idéias me incitaram e ao mesmo tempo me trouxeram a segurança e coragem necessárias para que me atrevesse neste caminho tão diferente para mim. Suas constantes contribuições à construção deste trabalho me influenciaram decisivamente.

Finalmente, agradeço pela felicidade de contar com uma família especial que compreendeu os momentos em que estive mais distante enquanto me dedicava a este projeto. A minha mãe, que com todas suas forças me encaminhou para uma vida repleta de alegrias. Ao meu pai, que de forma tão simples e ao mesmo tempo complexa me inspirou na escrita deste texto. Ao meu irmão desbravador, que hoje tão distante nos reaproximou com sua linda família.

Aos meus afilhados Antônio e Venâncio, que chegaram recentemente trazendo especial alegria à minha vida, me inspirando no momento de conclusão deste projeto.

E a você Dani, minha mulher, companheira, amiga, minha grande inspiração. Esse projeto só foi possível a partir de tua companhia e apoio nesta jornada tão importante para mim.

## **RESUMO**

Os resultados do trabalho humano e todos os seus efeitos são percebidos na sociedade de consumo não somente como a ferramenta que proporciona a afluência para o desfrute dos indivíduos que dela participam, mas também como elemento determinante do comportamento individual, enquanto participante observador do modelo. Este estudo visa apresentar uma possível continuidade das ideias de Marcuse relacionadas a alguns elementos de sua fundamentação do trabalho dentro do sistema de produção com a sociedade de consumo, dos bens gerados por este trabalho e fundamentada por Jean Baudrillard.

## **ABSTRACT**

The results of the human work and all its effects are perceived in the consumption society not only as the tool that provides the affluence for it also enjoys of the individuals that of it participates, but as determinative element of the individual behavior while participant observer of the model. This study it aims at to inside present a possible continuity of the related ideas of Marcuse to some elements of its recital of the work of the system of production with the society of consumption of the goods generated for this work and based by Jean Baudrillard.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9	
1 ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT		
MARCUSE .....	15	
1.1 O trabalho como acontecimento da existência.....	15	
1.2 Produção e Reprodução.....	17	
1.3 Ser-objeto e ser-próprio: a presença de um passado atuante e historicidade .....	19	
1.4 Divisão do trabalho.....	23	
1.5 Tecnologia, trabalho e formas de controle .....	27	
1.6 As relações do trabalho e estado do bem-estar social com um estado beligerante.....	35	
2 ELEMENTOS DE UMA CULTURA AFIRMATIVA COMO PRÉ-CONDIÇÃO PARA		
O CONSUMO .....	41	
2.1. Caráter afirmativo da cultura de inclusão ao consumo pelo trabalho.....	42	
2.2. Tolerância Repressiva .....	46	
2.3. Educação para conformação do trabalho .....	51	
2.4 O trabalho e as causas da destrutibilidade ecológica: a visão freudiana de Marcuse .....	54	
3 SOCIEDADE DE CONSUMO .....		59
3.1 A busca da felicidade pela ideologia igualitária do bem-estar .....	63	
3.2 O Sistema de Objetos.....	68	
3.3 O medo como ferramenta de administração do trabalho e consumo.....	72	
3.4 Todos os homens são realmente iguais diante do tempo e da morte? .....	80	
3.5 A Fadiga Endêmica como efeito da Sociedade de Consumo .....	85	
3.6 A Ilusão Vital.....	88	
4 CONCLUSÃO.....	91	
5 REFERÊNCIAS.....	101	

## INTRODUÇÃO

A sociedade industrial está cada vez mais rica, maior e melhor, ao mesmo tempo em que perpetua o perigo com a maneira pela qual está organizada e pela forma como organiza os seus membros. Muitas facilidades estão disponíveis ao ser humano no mesmo momento que o domínio do homem sobre a natureza foge do controle. Os meios de comunicação de massa não encontram dificuldades de vender seus particulares interesses, bem como os interesses políticos da sociedade se convertem em aspirações individuais, e o bem-estar dos negócios se transforma em um bem-estar geral.

Tudo o que nos cerca se transforma em mercadoria e, como resultado, todo o discurso sobre as necessidades está assentado em uma ingênua antropologia de propensão natural à felicidade. Com todas as possibilidades do bem viver disponíveis, os valores dos seres humanos foram adaptados para uma nova concepção de desfrute dos objetos e espiritualidades de prateleira, dentro do gigantesco vazio da lógica do consumo. O buscar conhecer a si mesmo é uma espécie de crime que contradiz esta lógica, que dispõe de mecanismos organizados para o hedonismo do consumo e uma lógica de bem-estar. A possibilidade da não participação humana, neste contexto, gera sentimentos apavorantes, pois seria uma espécie de contradição à lógica do mundo: aos abatidos pelo fracasso, à marginalidade.

Nós nos transformamos em sujeitos abstratos, que se apresentam uns aos outros, através das atividades que executamos, pela importância e valor que agregamos dentro do grande modelo, pela qualidade do retorno que podemos dar, ou pelos nossos acessos credenciados dentro da sociedade de consumo. Somos assentados ao medo crônico da perda do emprego, já que a sua perda não somente nos retira uma identidade, mas

também nos gera angústia pela não possibilidade de estarmos inseridos dentro da sociedade de consumo.

A mesma tecnologia criada pelo homem para seu conforto e sua satisfação já produz ao homem ameaças sem solução, uma vez que transformou as organizações do emprego em organizações sem emprego, um capitalismo sem trabalho. Portanto, a possibilidade da perda de emprego não somente é uma realidade atual como um movimento sem volta. Seremos atingidos por ela agora ou em pouco tempo.

Herbert Marcuse iniciou uma reflexão sobre este cenário em suas construções filosóficas, focando, especialmente em sua fase mais madura, nos efeitos do desenvolvimento não controlado da tecnologia, no racionalismo dominante nas sociedades modernas, nos movimentos repressivos das libertações individuais e nos movimentos para o aniquilamento da razão.

A tese fundamental de sua obra mais valiosa, *O Homem Unidimensional*, é a de que a tecnologia das sociedades industriais mais adiantadas desenvolveu mecanismos suficientes para eliminar o conflito, absorvendo em sua estrutura potenciais vozes de dissensão ou emancipação.

A unidimensionalidade do homem não possibilita que ele perceba de quais são realmente as suas necessidades. Se necessidades falsas o guiam, este se tornou o homem passivo, uma vez que nele foram inseridos interesses particulares que, ao mesmo tempo em que lucram com a sua repressão, reafirmam um estado de bem-estar. O trabalho subordina o homem a uma lei alheia e se formata como um instrumento de acesso e possibilidade social: o trabalho objetiva o homem e cria um potencial de acesso às necessidades que o assolam diariamente.

Nesse contexto, se faz mister a introdução da obra de Jean Baudrillard, que buscou um minucioso esclarecimento das causas e efeitos da lógica social do consumo e, de certo modo, aprofundou muitas análises anteriormente iniciadas por Marcuse. Baudrillard, como um filósofo da inconformidade e da fatalidade, promove pensamentos que atravessam formas e convenções, e descobre as aparências reconfortantes e as verdades mortas. Em sua obra dissecou a superficialidade das instituições, dos estereótipos e dos objetos. Reflete sobre o poder dos objetos e os valores ao seu entorno, de como a sociedade se projeta ao seu consumo, analisando os efeitos sociais destes movimentos.

Marcuse observava que sociedade de consumo talvez não fosse uma expressão adequada, já que em seu tempo, a organização da sociedade de consumo girava em torno da produção. Em Baudrillard, a sociedade que trabalha é a sociedade que consome e que desaparece, já que a lógica do consumo absorve a sua própria racionalidade e origem. Um mundo fanático pela técnica, pelo desempenho, pelo consumo, pelo real e, conseqüentemente alienado foi analisado por ambos.

Em seu tempo, Marcuse presenciou a construção dos primeiros pilares do que hoje observamos como sociedade industrial. Os fundamentos do que viria a se transformar esta sociedade estavam sendo construídos. Até mesmo a tecnologia, tema tão presente em sua obra, ainda não havia assumido a penetração social que presenciamos. A profundidade de sua análise, porém, possibilita que a sua obra seja extremamente necessária para entendermos os fenômenos que nos prendem aos mecanismos irracionais do trabalho e do conseqüente consumo sem medida. É até mesmo possível encontrarmos em sua obra preocupações que apenas atualmente consideramos relevantes, como por exemplo, os impactos ambientais causados pelo homem e por seus mecanismos de extração para a transformação industrial e consumo desmedido.

Baudrillard, por outro lado, acompanhou a evolução desta sociedade industrial aos padrões de consumo que hoje conhecemos. Identificou o desaparecimento do ser em prol do objeto que hoje desempenha um papel dramático e que desbarata qualquer simples funcionalidade. Dizia que para entender os fenômenos extremos em que se sustenta nossa sociedade teria que se converter, ele mesmo, ao fenômeno extremo, abandonando qualquer pretensão crítica e dialética, sem qualquer esperança racional, tornando-se semelhante às imagens do mundo.

Descreveu o excesso de realidade em que vivemos, a nossa condição de excesso e a nossa tentativa de superação do real e da própria ficção. As maiorias silenciosas e individuais, que sabotam o exercício de poder e que não permitem que se fale em seu nome, se confortam em uma alienação consumista. Pelo objeto, o sujeito desaparece e permite que a lógica econômica navegue sem bússola e predição, enquanto as necessidades e desejos são substituídos por estímulos econômicos de consumo.

O presente texto visa partir de uma exposição dos elementos que compõem a fundamentação marcusiana do trabalho e buscar uma reflexão de como o trabalho foi determinado, de forma a balizar todos os movimentos de perpetuação da sociedade industrial. Como consequência desses movimentos, e, de certa forma, como objetivo fim da sociedade industrial, o entendimento das determinações do consumo e de como elas nos são introjetadas, possibilita entender o processo e de que maneira essa grande integração é forjada e, conseqüentemente, como os sentimentos são embotados a ponto de impedir o desenvolvimento das faculdades de emancipação.

A sociedade de consumo analisada por Baudrillard tem na sociedade industrial marcusiana a fundamentação para o entendimento de como a perpetuação das necessidades de consumo são facilmente alçadas. Isso pode ser dito, mesmo que não exista uma relação direta ou histórica de dívida de um autor em relação ao outro, mas uma relação teórica, já que ambos praticam uma ideologia social.

Como meta filosófico-teórica está a tentativa de realização de um apontamento, que mostra não somente a atualidade de Herbert Marcuse, mas também sua comunicação com a sociedade de consumo descrita por Baudrillard. Faz-se, assim, uma tentativa de construir argumentos e ferramentas filosóficas para uma avaliação macro da sociedade, segundo o ponto de vista desses dois autores.

Para um melhor entendimento dessa proposta de trabalho foram desenvolvidos três capítulos teórico-conceituais, que pretendem deixar explícito o caráter transdisciplinar adotado, motivado pelo próprio processo de escrita amplo, adotados por Herbert Marcuse e Jean Baudrillard.

No primeiro capítulo são levantados alguns elementos que compõem a fundamentação marcusiana de trabalho. Quer-se obter, com isso, a visualização de alguns impactos do mesmo perante o processo de alienação do indivíduo, bem como os métodos de controle, elaborados pela sociedade industrial de forma a massificar suas ideias e limitar a possibilidade do desenvolvimento de valores emancipatórios.

Foi reservada para o segundo capítulo uma tentativa de aproximação entre Marcuse e Baudrillard, seguindo a ideia de que o primeiro proporciona elementos de como o trabalho dentro da sociedade industrial fundamenta a inativação do homem, tornando-o suscetível ao consumo e à convivência com necessidades que não são suas. Para isso, a cultura se afirma, com ferramentas de controle aprimoradas, para um processo de controle límpido e onde o medo é instituído.

Por último, desenvolve-se um capítulo que procura aprofundar as lógicas do consumo, complementando algumas ideias iniciadas em capítulos anteriores,

utilizando, como base, as teses de Baudrillard. Os movimentos do trabalho dentro do circuito do consumo e as perspectivas de felicidade incitadas por essa ordem são aprimorados com ideias de possibilidades de controle, anteriormente mostradas.

# 1 ELEMENTOS DA FUNDAMENTAÇÃO DO TRABALHO EM HERBERT MARCUSE

## 1.1 O trabalho como acontecimento da existência

A conotação econômica do conceito de trabalho reduz univocamente o entendimento de seu sentido e move o entendimento para uma esfera indeterminada e incompleta. Marcuse diz que é inútil a busca de uma determinação fundamental desse conceito, à medida que, na teoria econômica, vigora um acordo tácito para prescindir de uma real determinação<sup>1</sup>. As concepções de valor, preço e custo, pertencentes ao conjunto de fatores de produção, poluem a problemática dessa definição: reduzem o entendimento deste conceito fundamental ao reduzi-lo à sua essência.

A análise deste conteúdo indeterminado, assumido pelo conceito de trabalho, visa também contribuir para uma revisão objetiva dos fatores que conectam filosofia e economia política<sup>2</sup>, um retorno às esferas fundantes que transcendem a própria ciência econômica. A plenitude do entendimento do problema do trabalho demanda uma análise, além das dimensões técnicas e econômicas, bem como dimensões psicológicas. Pelo trabalho ter uma fundamentação ontológica, apreendendo o ser da própria existência humana como tal, a problemática psicológica passaria ao largo das questões fundamentais que envolvem essa ideia, principalmente as ideias que envolvem o caráter penoso do trabalho<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.7.

<sup>2</sup> Marcuse destaca as análises de Max Scheler e Max Weber sobre os fundamentos filosóficos do sistema econômico, que, mesmo seguindo diferentes ângulos de análise, exigiram uma discussão pragmática sobre os conceitos de trabalho.

<sup>3</sup> Marcuse cita ainda algumas análises filosóficas do trabalho que emergem sobre questões éticas, principalmente a partir dos impactos promovidos pela divisão do trabalho e os efeitos desta no conjunto da existência dos trabalhadores em MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.11-14.

Na busca de um conceito filosoficamente fundamentado de trabalho, Marcuse se aproxima de Hegel, para quem o trabalho aparece como um acontecimento fundamental da existência (*Dasein*) humana, dominando contínua e permanentemente a existência do homem como um acontecimento que domina todo o seu Ser, em que simultaneamente acontece algo com o ser do homem. O trabalho não é determinado pelos resultados materiais de sua atividade, mas pelo que acontece com a existência do homem dentro do trabalho<sup>4</sup>: o trabalho objetiva o homem, o torna realização e acontecimento.

Como resultado do trabalho deve aparecer os objetos que evidenciam um acontecer geral. A *permanência* (*Ständigkeit*) é o resultado daquilo que é introduzido ao mundo pela ação do trabalho, após a finalização de todas as etapas de construção: um *objeto* (*Gegenstand*) que confere status de permanência ao executor, determinando uma posição no mundo.

A primeira vista não existe nenhuma relação específica entre o trabalho e o objeto que o trabalho numa indústria produz, a não ser uma evidente relação eventual, o fato de aquele trabalhador estar naquele momento produzindo aquele objeto. Mas uma pergunta é feita: a quem pertence o produto do trabalho? Não é ao operário; é ao capitalista. O produto do trabalho é um bem que será eventualmente trocado por dinheiro em algum estabelecimento trocado por dinheiro em algum estabelecimento comercial, ou que, se o produto for, por exemplo, uma máquina, poderá vir a ser utilizado na indústria. O operário será submetido ao capitalista, desde que ele precise trabalhar para ganhar um mínimo que ele necessita para subsistir. E como o que ele produz se incorporará a quem escraviza, o objeto que o trabalho operário produz representa a “perversão e escravidão diante do objeto”, diante de um “poder independente” do operário. O operário, portanto, se aliena em tal sistema de relacionamentos<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Ibidem, p.13.

<sup>5</sup> DORIA, F.A. *Marcuse – Vida e obra*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1983, p.33.

Distante das afirmações de que o caráter penoso do trabalho passa pelas condições da sua execução (contemplando todos os elementos hierárquicos e materiais do processo de transformação) ou pelos sentimentos de desgosto com o ambiente e as relações que o circundam (que poderiam ser trabalhadas técnica e psicologicamente), Marcuse emprega uma visão que transpassa qualquer ônus dessa instância: o trabalho existe como pena porque subordina o homem a uma lei alheia, imposta para o *fazer (Tun)*. No processo do trabalho, o objetivo principal é a coisa (*Sache*); o homem é arremessado para situações onde ele não é prioridade, mas um meio, onde ele é algo alheio de si mesmo, executando esforços para outros (coisa).

## 1.2 Produção e Reprodução

O acontecer humano (*fazer-acontecer*) é aceitar a própria existência como uma tarefa a ser cumprida, a ser realizada, diferentemente do animal (*deixar-acontecer*). Ele se apropria continuamente das situações de si próprio (e de seu mundo) e de situações que não são imediatamente suas, transformando-as. Marcuse utiliza os conceitos de *produção* e *reprodução* para caracterizar o *fazer-acontecer* como um todo e não apenas dentro da dimensão material.

Segundo Marcuse, a apropriação, a superação, a transformação e a continuação de toda a existência e em todas as suas esferas vitais, sejam de situações imediatamente preexistentes do “mundo”, seja da própria existência nela – um trazer-perante-si e um trazer-para-fora e trazer-adiante, como “pro-posto”, produção da existência e de seu mundo em todos os planos (portanto do ser “material” bem como do “vital” e “espiritual”). Para o homem, esse fazer é essencialmente um fazer “consciente”, que

possui uma finalidade, ou seja, que é produzir e conduzir adiante a existência do seu mundo como mundo apropriado<sup>6</sup>.

É nesse permanente processo de produção e reprodução que se fundamenta o trabalho, já que ao homem não é permitido um deixar-acontecer: a situação natural do homem no mundo é trabalho, porque o mundo se encontra disponível para a satisfação das suas permanentes necessidades e a transformação do mundo. Essa satisfação demanda ações contínuas para a realização de tudo o que se faz urgente para a sua vida<sup>7</sup>. O fim do seu processo de produção e reprodução se dá na satisfação de suas necessidades originais. Até esse momento, a sua ação é a eliminação dessa insuficiência, o seu impulso de finalização.

Nesse momento, as ilustrações que compõem o conceito de trabalho na esfera econômica podem ser retomadas. Já que o objeto ou o fim da economia política é tornar possível a resolução das necessidades humanas, um contínuo abastecimento de demandas assegura a sua existência econômica e amplia a mesma com o acúmulo dos objetos-econômicos.

Marcuse aprofunda a sua análise com relação ao problema do trabalho econômico, defendendo que a satisfação das necessidades subordina-se à tarefa da auto-realização, da formação voltada para sua realização e permanência: o primeiro e o último sentido do trabalho é elaborar o próprio ser da existência, projetando permanência. É, pois, elaborar todas as demandas originárias e permanentes da existência em relação a si própria, sua plena realização, ultrapassando as esferas econômicas. A demanda originária da existência não seria uma demanda de bens, mas sim uma demanda jamais satisfeita da

---

<sup>6</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.19.

<sup>7</sup> Desde elementos de subsistência quanto culturais (alimentação, habitação, vestuário, instrumentos).

existência com relação a ela mesma, uma *necessidade vital*: sempre haverá uma demanda descoberta (carência) independente da amplitude de cobertura da demanda<sup>8</sup>.

A *necessidade vital* originária e insuperável dos homens aponta para a situação ontológica, anteriormente analisada: ela se funda na própria estrutura do ser humano, que nunca deixará de fazer-acontecer, de auto-efetivar-se. A práxis da existência humana exige o trabalho. Com essa conclusão, é possível reiterar que qualquer utilização de uma definição econômica do trabalho obliteraria o conteúdo acima discutido, já que os elementos essenciais do trabalho não contemplam insuficiências de bens e ações para o saneamento das mesmas, mas uma interminável discrepância que exige permanente trabalho para sua superação, “embora a existência nunca possa sossegar na posse de si própria e de seu trabalho a situação”<sup>9</sup>.

### **1.3 Ser-objeto e ser-próprio: a presença de um passado atuante e historicidade**

O plano dos objetos é obra da ciência, assim como é da arte e da técnica; é a alteridade do eu (*Selbst*): todo ser exterior é objeto para o eu (outro ser humano ou até o próprio corpo). Dentro da dimensão do mundo, com os seus objetos, o eu é algo. Quando o ser começa pelo fazer acontecer de sua existência, depara-se com outra existência, que não é sua, que é do passado e efetivamente do presente (um mundo de dispositivos, empreendimentos, famílias, grupos e naturezas políticas, sociais e econômicas, meios de produção e consumo, etc.). Depara-se com uma existência pretérita com o passado atuante, dotada de uma realidade efetiva, porém, incompleto e inacabado, que possui um “poder e uma normatividade própria e imanente, tornando-se, até mesmo, independente, escapando do poder da existência”<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Ibidem, p.24.

<sup>9</sup> Ibidem, p.25.

<sup>10</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.28.

O processo de produção e reprodução tem como início a superação desse passado atuante, a realidade-como-a-apreendemos: sua localização no mundo depende do confronto com o passado que acontece como critérios de aprovação da própria existência que precisam ser atendidos, um acontecer<sup>11</sup>. Todos os objetos, critérios, todas as normas estão disponibilizadas e possuem uma história própria, mas não coincidem com a respectiva existência. Essa existência se conforma ao mundo diante dessa história, devendo levar em conta as demandas já estabelecidas, vinculando-se à sua normatividade, que se expressa em cada movimento de trabalho, determinando uma realidade objetiva, convertendo em coisa o objeto.

Independentemente da caracterização do tipo de trabalho, o trabalhador sempre estará no plano da coisa; em seu fazer, ele deixa de se guiar pela coisa, se subordina à normatividade e deixa-se guiar ao acontecer, não deixando a sua própria existência acontecer. Exteriora-se (*Entäusserung*) e aliena-se (*Entfremdung*) da sua existência, colocando-se a serviço de um outro, aceitando a lei da coisa no lugar do seu próprio fazer-acontecer, direcionando-se a uma existência material. É possível novamente apontar para o caráter penoso do trabalho, já que, nesse momento, deixa-se de fazer-acontecer a própria existência, tornando-se um outro para outro, expressando a negatividade presente na existência humana: o homem só pode chegar ao seu próprio ser pela exteriorização<sup>12</sup>.

Para Marcuse, a tendência assimiladora se manifesta na estratificação ocupacional. Nos estabelecimentos industriais, a mão de obra operária declina em relação ao que o filósofo classifica “colarinho-branco”: o número de trabalhadores não empenhados na produção aumenta<sup>13</sup>. Essa modificação quantitativa se relaciona com uma

---

<sup>11</sup> MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.30.

<sup>12</sup> MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.30.

<sup>13</sup> MARCUSE, Herbert. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.41.

mudança havida nos instrumentos básicos de produção, já que a produção em si não é o diferencial competitivo determinante, uma vez que os processos de manufatura se assemelham em qualquer parque fabril, mas sim a forma como os mesmos são oferecidos ao mercado.

Essa mecanização está reduzindo cada vez mais a quantidade de energia física consumida no trabalho, ao mesmo tempo em que os custos são continuamente revistos para a criação de lucro. Marcuse manifesta que essa evolução tem grande impacto sobre o conceito marxista de trabalhador (proletário), pois, para Marx, proletário é, primordialmente, o trabalhador braçal que gasta e esgota a sua energia física no processo de trabalhar, até mesmo se trabalha com máquinas. Na verdade, essa forma de servidão é expressiva da automatização coibida, parcial, da coexistência de setores automatizados, semiautomatizados e não automatizados dentro de uma mesma fábrica, mas, até mesmo sob tais condições, a tecnologia substitui a fadiga muscular pela tensão e (ou) pelo esforço mental<sup>14</sup>.

Não se chega a um entendimento total acerca das relações da objetividade com o trabalho, sem um avanço do entendimento de alguns impactos iniciais das questões que envolvem o trabalho e a existência, e os impactos do trabalho devido ao próprio trabalho. As transformações das matérias-primas iniciais de um trabalho/ processo em um produto utilitário trazem consigo o acontecimento da vida humana, um acontecimento na dimensão da história. Marcuse distancia essas realizações das dimensões da natureza ou da materialidade, é um acontecimento de outra mobilidade: a mercadoria acabada e os efeitos da fábrica que a gerou são historicamente definitivos.

Em todos os momentos, os resultados atingidos pelo trabalho humano solidificam a sua existência no mundo objetivo, proporcionando objetos para a sua

---

<sup>14</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional* - A Ideologia da Sociedade Industrial. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.43.

utilização, fruição, ostentação, consumo e descarte. Esse defrontamento subordina o homem ao seu mundo e confere realidade objetiva à historicidade do próprio trabalhador<sup>15</sup>. É no trabalho que o homem histórico se torna efetivo e permanece, o trabalho enquanto tal não é finalidade em si mesmo: é negativo por ser orientado para algo que não existe. A participação ativa, como um ente de uma organização, possibilita ao homem construções simbólicas que o afasta do encontro com a própria mortalidade.

Quando nos juntamos com outros, criando uma cultura de normas, reflexões e crenças compartilhadas, formando grupos e redes sociais onde aspectos de permanência concreta são afirmados estamos nos organizando para um projeto mais duradouro que nós mesmos, criando uma estrutura real e objetiva para uma objetivação da nossa existência. Ao criarmos um mundo que pode ser percebido como real e objetivo reafirmamos a natureza real e concreta da nossa própria existência. A cultura organizacional possibilita o disfarce de nossa transitoriedade e vulnerabilidade, já que passamos uma boa parte de nossa vida cotidiana como elementos ativos e participantes<sup>16</sup>.

A conclusão do trabalho é a efetivação da sua plenitude. Independentemente das funções que executa, sendo elas um serviço prestado ou a atuação direta na transformação de um insumo em um objeto de valia, não importando as classes sociais envolvidas, configurações de poderes, localização ou valorização efetiva do resultado do trabalho adquiriu continuidade histórica pela sua produção e reprodução, que Marcuse pressupõe uma relação com o tempo:

A práxis humana é trabalho no presente através de sua “superação” transformadora do passado na prevenção antecipatória com relação ao seu futuro. O trabalhador se mantém permanentemente na temporalidade de si mesmo e do mundo objetivo, e com esse comportamento se expressa de diversos modos: na obtenção, no tratamento e na valorização do material para o trabalho, na

---

<sup>15</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998 p.31.

<sup>16</sup> MORGAN, G. *Imagens da Organização*. São Paulo: Atlas, 1996, p.219.

distribuição e administração dos meios de trabalho, e particularmente na organização geral da divisão do tempo, a que o trabalhador se subordina mais ou menos (tanto no âmbito dos processos de trabalho individualmente como na divisão da existência em trabalho e “tempo livre”, na regulação da duração da jornada do trabalho, etc.)<sup>17</sup>.

A divisão do tempo livre do trabalho apenas aparece para o homem em alguns momentos. A regularidade da utilização do seu tempo para o trabalho é planejada e realizada para o atingimento das demandas superdimensionadamente geradas pelo estado econômico, além do que realmente seria necessário para o momento atual. O tempo já é utilizado para novas demandas que ainda serão criadas<sup>18</sup>.

#### **1.4 Divisão do trabalho**

No âmbito socioeconômico, o conceito filosófico de trabalho se expressa, principalmente, para um atentamento das questões éticas relacionadas ao trabalho, principalmente as questões que envolvem a divisão do trabalho e os efeitos gerados por essa. A existência acontece em um espaço configurado por outros e em um tempo maturado por outros: cada existência contribui univocamente para a configuração e para a maturação<sup>19</sup>.

---

<sup>17</sup> Ibidem, p.33.

<sup>18</sup> Zygmunt Bauman enfatiza as diferenças com relação às percepções do tempo, em o que ele categoriza como Primeiro Mundo e Segundo Mundo: enquanto no Primeiro Mundo o espaço não é importante porque seus habitantes têm a possibilidade de se transpor a qualquer momento, os habitantes do Segundo Mundo vivem no espaço que é “pesado, resistente, intocável, que amarra o tempo e o mantém fora do controle deles. O tempo deles é vazio: nele “nada acontece”. Para eles, só tempo virtual da TV tem uma estrutura, um horário – o resto do tempo escoia monotonamente, chegando e partindo sem exigir nada e aparentemente sem deixar vestígio. Suas marcas acumuladas aparecem de repente, imprevistas e sem serem convidadas. Imaterial, etéreo, efêmero, sem nada para preenchê-lo e lhe dar peso e sentido, o tempo não tem poder sobre este espaço real demais a que estão confinados os habitantes do Segundo Mundo” Cf. BAUMAN, Z. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.97.

<sup>19</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.39.

Essa participação acontece em uma determinada comunidade da história da existência (como a família) como um agente dentro deste mundo e, a partir deste, assegura o trabalho e a sua demanda, acontecendo aos outros, participando “naturalmente” ou “socialmente”: a divisão natural surgiu na família, enquanto primeira comunidade histórica, através da divisão sexual do trabalho entre mulher e homem. Já a divisão social associa as diferenças entre classes, níveis, profissões, entre outros.

Mesmo com todas as diferenças e todos os motivos, a divisão do trabalho contém efetivamente as oposições entre o *dominante* e o *dominado*. Segundo Marcuse, essa oposição se encontra no próprio trabalho, enquanto práxis da sua existência histórica, e acontece em qualquer comunidade histórica que seja fundada e erigida socioeconomicamente, onde o partido vitorioso mantém o derrotado como servidão subordinada à sua dominação. Tudo o que o trabalho demanda, o que precisa ser realizado para sua efetivação, invoca a necessidade de uma visão e análise do que precisa ser feito, delimitando, então, outras participações humanas. Com essas, acumulam-se diferentes e específicas historicidades, inerentes de cada participação, transmitidas e confrontadas no movimento deste processo e confirmando, decisivamente, a divisão do trabalho.

Marcuse cita novamente Hegel para fundamentar os seus conceitos de dominação e servidão: servidão significa a vinculação permanente e continuada da práxis de todo o existencial à produção e reprodução material a serviço das demandas de outra existência (dominante), a comunidade histórica se constitui como “sujeito” do acontecer quando a dominação é permanente e garantida, adquirindo continuidade e permanência de todo um modo de existência, coisificando-a e rompendo a práxis livre<sup>20</sup>. Esse ordenamento sempre é uma determinada divisão do trabalho, dado que, no trabalho, assegura-se a continuidade, permanência e plenitude da existência.

---

<sup>20</sup> Ibidem, p.41.

No momento em que o homem finaliza o produto, proveniente de seu trabalho, o próprio ser se converte em objeto, exterioriza-se subtraído à sua própria liberdade. A vinculação continuada do homem a uma existência de produção e reprodução material o impede que ele crie o seu próprio conhecimento e possibilidades próprias, já que apenas se apropria de um trabalho já fundado com todas as configurações de poder pré-estabelecidas, fixando-se socioeconomicamente.

O rompimento com as dimensões da liberdade e da necessidade se dá nessa fixação: rompe-se, aqui, a positividade do trabalho da produção e reprodução material, o fazer-acontecer realmente efetivo da existência não intervém no acontecer do todo existencial, propondo-lhe sentido e fim<sup>21</sup>. Ele é agora determinado para as exterioridades vinculadas à dominação, que absorve o todo existencial em seu interior, principalmente a práxis livre da existência. Pela ordem social exploratória, e conseqüentemente divisória, a repressão dos desejos e o seu direcionamento são limitada, criando fontes de frustração e destruição<sup>22</sup>.

Dentro da sociedade, tecnologicamente avançada, o homem vive essa negação como os demais objetos humanos da divisão social do trabalho, participante da comunidade tecnologicamente administrada, onde a máquina instila o ritmo de servidão<sup>23</sup>, determinando os limites dos processos envolvidos, bem como tempos e necessidades de alocação de esforço. Essa mesma máquina valida impessoalmente o trabalho, determinando ou não sua qualidade e utilidade. O ser humano, em sua totalidade, não somente é sacudido pela avaliação mecanizada dos seus esforços, mas também é entorpecido pela necessidade de velocidade, controle exaustivo e isolamento planejado.

---

<sup>21</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.44.

<sup>22</sup> MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970 p.17.

<sup>23</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.44.

Mesmo em uma sociedade industrial livre, ainda seriam necessárias divisões e funções desiguais. Justifica-se essa desigualdade como sendo indispensável às genuínas necessidades sociais e técnicas, porém, haveria por parte de quem organiza e dirige as atividades o privilégio de visualizar um objetivo em especial<sup>24</sup>. A devolução do trabalho próprio para a existência, libertado da coisificação e alienação e voltado para a realização efetiva do homem em sua historicidade é apenas alcançada através da superação da divisão do trabalho socioeconomicamente definido, quando o trabalho não for determinado por necessidade exterior<sup>25</sup>.

As formas de vida alienada se estendem, segundo Fromm, a todas as esferas da existência, governam o trabalho, o consumo, o tempo livre, as relações entre iguais e as formas hierárquicas<sup>26</sup>. A divisão do trabalho como existência básica do capitalismo desemboca na quantificação e abstração de todos os processos produtivos. Esta quantificação e abstração, porém, não é reservada apenas ao trato com os produtos, mas também configura um modo de fazer e ser do trabalhador, de quem os dirige e, até mesmo, dos proprietários envolvidos<sup>27</sup>.

Na cadeia produtiva o trabalhador é cada vez mais um “átomo econômico” nas mãos da máquina que lhe diz o que fazer, e sua relação com o produto é limitada a observação do processo e da constatação do ato de produzir, em vários momentos o trabalhador é um expectador da produção. Já os diretores das empresas trabalham em direção da utilidade e eficácia, sua relação com o mercado e com os produtos é meramente administrativa, regulada pelas cifras e números dentro de uma relação que

---

<sup>24</sup> Quando discute a possibilidade do Terceiro Mundo desenvolver formas políticas e sociais independentes, Marcuse é pessimista. Sua crença é que os países subdesenvolvidos terão de desenvolver aquela tecnologia que constitui a origem da ordem social de dominação nos países adiantados. Cf. MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970 p.55.

<sup>25</sup> Citando Marx, Marcuse concebe que apenas o homem socializado, com um projeto racional de produção e interação comedida com a natureza, poderia sobrepor aos efeitos da divisão do trabalho. MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.45.

<sup>26</sup> GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.135.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.135.

esquiva do concreto e espontâneo ao serviço de abstração eficiente. Os empresários ativos e empreendedores das primeiras fases do capitalismo deram lugar ao acionista anônimo cuja propriedade consiste em papéis que representam uma certa quantidade de dinheiro, símbolo de uma propriedade que transferiu seus poderes para a burocracia, possuidora do controle do formal e do abstrato<sup>28</sup>.

### 1.5 Tecnologia, trabalho e formas de controle

A tecnologia é o resultado do aperfeiçoamento humano das formas de produção e conseqüentemente do trabalho humano, bem como é uma das formas de relacionamento do homem com a natureza. Marcuse concentra esse tema dentro de um processo histórico de subjugação, um projeto político com regras de apropriação do mundo natural, determinadas pela racionalidade científica e tecnológica. A natureza é um objeto a ser dominado, explorado e apropriado: esta é a sua potencialidade.

Para Marcuse, é na sociedade de consumo que a tecnologia se mostra inteiramente como processo de dominação<sup>29</sup>. Os níveis extraordinários de produtividade, decorrentes do enorme progresso técnico, tendo em vista a sociedade de consumo pela qual está inserida, têm seus efeitos continuamente negados pelos envolvidos.

Como efeito dessa intensidade, “a cultura, a política e a economia se fundem num sistema onipresente que engolfa ou rejeita todas as alternativas”<sup>30</sup>, formatando um sistema de dominação e exploração, alterando a sua estrutura e

---

<sup>28</sup> Ibidem, p.136.

<sup>29</sup> CAMPOS, M.T.C. *Marcuse – Realidade e Utopia*. São Paulo: Annablume, 2004, p. 49.

<sup>30</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.19.

“modificando decisivamente as relações entre as classes”<sup>31</sup>. O que estaria em jogo nesse movimento de transformações tecnológicas é uma possível compatibilidade deste progresso com as próprias instituições criadas por esses mesmos movimentos.

O progresso técnico é acompanhado com a eliminação da individualidade profunda, com a coisificação das aflições, dos gostos e das necessidades pessoais a partir do abastecimento de objetos e serviços. Produz-se uma carência de tranquilidade, intimidade e iniciativa. Tudo isso gera frustração, medos, nervosismos que se traduz no aumento da energia agressiva<sup>32</sup>.

As habilidades técnicas e psicofísicas do homem são o resultado de um processo de transformação da energia física do trabalhador, que é acentuada pelo progresso da automação que isola que desintegra (fragmentando-o até o irreconhecível) e que despolutiza o homem. A máquina adquire poder dentro do sistema, atuando como um elemento que gera efeitos interna e externamente à empresa, modificando as esferas pessoais e sociais do indivíduo, tornando-o um participante sem autonomia, ajustado e modelado ao aparato que o circunda, com ritmos ditados e mobilizados.

A tecnologia serve para instituir novas formas, mais eficazes e mais agradáveis de controle social e coesão social. A tendência totalitária desses controles permanece afirmar-se ainda em outro sentido – disseminando-se pelas áreas menos desenvolvidas e até mesmo pré-industriais e criando similaridades no desenvolvimento do capitalismo e do comunismo. Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de “neutralidade” da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode como tal, ser isolada do uso que lhe é dado; a sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração de técnicas<sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro:Ed. Vozes, 1998, p. 48.

<sup>32</sup> GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.150.

<sup>33</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.18-19.

A tecnologia cria a abundância. Marcuse reflete que a liberdade em relação à carência material transformou-se em um instrumento para produzir servidão. E, para ele, a necessidade de satisfação dos homens elimina suas razões de dissensão, tornando-os instrumentos passivos do sistema dominante. Ele não é insensível ao caráter aparentemente paradoxal da alegação de que, com a satisfação das necessidades dos homens, pode-se dominá-los, mas tenta estabelecer uma distinção entre necessidades falsas e legítimas<sup>34</sup>.

As questões que envolvem o caráter penoso do trabalho devem ser analisadas atentamente, principalmente quanto à tecnologia envolvida no trabalho que busca desconfigurar esse caráter, seja utilizando de projetos técnicos de melhoria para transformar sua aversão em alegria ou reduzindo impactos como a fadiga relacionada a algumas atividades de produção. Por ser fundado na estrutura da própria existência humana, esse caráter penoso não pode ser amenizado com ações desse porte<sup>35</sup>, pelo contrário, essas agravam a alienação. A tecnologia pode tornar o trabalho menos penoso fisicamente e pode melhorar a vida bem mais que a destruir<sup>36</sup>, mas atua determinadamente em relação à redução da socialização.

Como o domínio da racionalidade produtiva e tecnológica é aceito e defendido, o homem faz dele seu assunto. Esse estado de dependência gera uma hierarquia efetiva, que declara Marcuse como uma heteronomia universal na configuração (*Gestalt*) de liberdades e confortos oferecidos pela sociedade afluenta<sup>37</sup>. A automatização dos processos de trabalho transforma o homem em outro sujeito que participa do processo de produção, sendo este, ao mesmo tempo, disciplina, aplicação e ciência que se objetiva

---

<sup>34</sup> MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.77.

<sup>35</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.48.

<sup>36</sup> FEENBERG, A. *Heidegger and Marcuse: The catastrophe and redemption of history*. New York: Routledge, 2005, p.99.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p.165.

materialmente com referência ao homem transformado, em cuja cabeça existe o saber acumulado da sociedade.

Marcuse vê instinto de morte na ação destrutiva da tecnologia moderna, já que os homens produzem suas consequências, ignorando as leis causais que governam as relações econômicas. Também não percebem o funcionamento do sistema econômico como um todo: não compreendem a relação existente entre as suas ações e as estruturas mais amplas. A destrutibilidade psicológica interior aos indivíduos influencia no contexto da destrutibilidade geral<sup>38</sup>.

Seus movimentos são permeados de uma irracionalidade controlada pelos setores mais avançados da sociedade industrial que uma tendência para consumação da racionalidade tecnológica. Como uma contradição interna de nossa civilização, a sociedade industrial que faz a sua tecnologia é organizada para a dominação cada vez mais eficaz do homem, da natureza e da utilização cada vez mais desmedida dos seus recursos, “torna-se irracional quando o êxito desses esforços cria novas dimensões da realização humana”<sup>39</sup>. A vida como um fim não utiliza os mesmos processos da vida como um meio.

No testemunho do progresso técnico, a falta de liberdade se tornou razoável pelas premissas de bem-estar. A supressão das individualidades pela livre competição de sujeitos economicamente desiguais está envolta como uma parte da ordem do processo de desenvolvimento e as formas de controle são desenvolvidas dentro de uma sociedade que aparenta cada vez mais estar capacitada a atender as necessidades dos indivíduos<sup>40</sup>. Se os direitos e as liberdades foram importantes, fatores nas fases iniciais da

---

<sup>38</sup> MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 143.

<sup>39</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.36.

<sup>40</sup> As sociedades disciplinares atingem o seu apogeu no início do século XX, através da organização e disponibilização de grandes meios de confinamento. O indivíduo passa de um espaço fechado para outro: parte da família para a escola, depois para as fábricas, hospitais e, eventualmente, prisões, que é o meio de

sociedade industrial, em um estágio mais avançado dessa sociedade, perdem seu sentido lógico e conteúdo tradicionais.

Marcuse reitera que a liberdade de pensamento, a liberdade de palavra e a liberdade de consciência foram ideias essencialmente críticas, com o objetivo de substituir uma cultura material por uma cultura produtiva. Os processos tecnológicos poderiam modificar a estrutura da existência humana, caso o aparato produtivo pudesse ser organizado e orientado para satisfação das necessidades vitais. Haveria, então, a liberação da imposição, pelo mundo do trabalho, das necessidades e possibilidades alheias a ele, possibilitando autonomia.

A realidade opera, no entanto, de forma oposta, já que o aparato impõe as suas exigências econômicas e políticas para a defesa da expansão ao tempo de trabalho e ao tempo livre, à cultura material e intelectual. Em virtude do modo, pelo qual organizou sua base tecnológica, a sociedade industrial tende a tornar-se totalitária. Segundo Marcuse, totalitarismo não seria apenas uma coordenação política terrorista da sociedade, mas também uma coordenação técnico-econômica não terrorista, que opera através da manipulação das necessidades por interesses adquiridos, impedindo o surgimento de uma oposição eficaz ao todo. Não apenas uma forma específica de Governo ou direção partidária constitui totalitarismo, mas também um sistema específico de produção e distribuição, que bem pode ser compatível com o “pluralismo” de partidos, jornais e “poderes contrabalanceados”<sup>41</sup>.

---

confinamento por excelência. Deleuze cita que Foucault analisou muito bem o projeto ideal dos meios de confinamento, visível especialmente nas fábricas: concentrar; distribuir no espaço, ordenar no tempo, compor no espaço-tempo uma força produtiva, cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares. Os confinamentos são moldes, com diferentes formas, que se ajustam continuamente. O equilíbrio da fábrica é projetado e mantido por diferentes mecanismos e símbolos. Cf. DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992, p.219-221.

<sup>41</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.24-25.

A forma concreta do princípio de realidade na sociedade contemporânea é o princípio de produtividade. Marcuse procura distinguir a repressão necessária para manter uma sociedade racional e a efetiva repressão que suporta uma estrutura social repressiva. Traz, então, um conceito adicional de repressão que é medido pela diferença entre repressão necessária e efetiva, demonstrando que, enquanto a extraordinária produtividade da sociedade contemporânea reduzir a repressão necessária ao mínimo, a estrutura do capitalismo corporativo e a sociedade do consumo irá efetivamente aumentar seus métodos de repressão, afetando inclusive, o nosso entendimento de sociedades passadas<sup>42</sup>.

As produtividades que governam as sociedades industriais mobilizam a sociedade como um todo, acima e além de quaisquer interesses individuais ou grupais. Isso faz com que o mundo do trabalho se torne a base potencial de uma nova liberdade para o homem, no quanto seja concebido como uma máquina, portanto, mecanizado. Nossa sociedade se distingue por conquistar as forças sociais centrífugas, mais pela tecnologia do que pelo Terror, tendo como base uma eficiência esmagadora e um padrão de vida crescente<sup>43</sup>.

Estamos diante de necessidades verídicas e falsas. As falsas necessidades são impostas ao indivíduo por interesses sociais que buscam reprimi-lo, pois perpetuam a labuta, a agressividade, a miséria e a injustiça. A satisfação dessas necessidades pode ser agradável, mas a felicidade não é uma condição a ser mantida e protegida, pois impede o crescimento. O indivíduo não tem controle algum sobre as necessidades, já que o desenvolvimento e a satisfação dessas necessidades são heterônomos.

---

<sup>42</sup> GOLDMANN, L. *Understanding Marcuse*. In BERNSTEIN, J. *The Frankfurt School – Critical Assessments*. London and New York: 1994, Vol. IV, p.129.

<sup>43</sup> *Ibidem*, p.14.

Independentemente do quanto essas necessidades passam a ser o próprio indivíduo, reproduzidas e consolidadas pelas suas condições de existência, essas necessidades continuam sendo produtos de uma sociedade, cujo interesse dominante é o consumo, com o prevalecimento de necessidades repressivas sobre as necessidades vitais. A liberdade pode ser transformada em poderoso instrumento de dominação, já que as possibilidades e a alçadas disponíveis para qualquer tipo de escolha dos indivíduos não são a condição para a determinação do nível de liberdade humana: “o critério para a livre escolha jamais pode ser absoluto, mas tampouco é inteiramente relativo. A eleição livre dos senhores não abole os senhores ou os escravos”<sup>44</sup>. Os movimentos do ser humano, quanto à circulação das necessidades impostas, reiteram a qualidade dos controles, incrementando a alienação.

Mesmo que, em última análise, a resposta de quais são as verdadeiras necessidades deve provir dos atores envolvidos, os mesmos apenas poderiam analisar as mesmas quando realmente livres, com autonomia suficiente para que a resposta seja realmente dada como sua. A ideia de impor a razão a uma sociedade inteira transforma a população em objeto de administração, já que toda libertação depende da consciência da sua servidão, e essa consciência é impedida pelo predomínio das necessidades e pelo estado de bem-estar como efeito das satisfações dessas necessidades: uma satisfação que reprime. A eficácia dos controles impostos por esse modelo pode ser medido pela reprodução espontânea das necessidades impostas; e a consequente perpetuação do temor pode ser medida pela eterna necessidade de luta para satisfação contínua destas necessidades.

A divisão social do trabalho se caracteriza como uma dos efeitos do aparato produtivo e destrutivo. Sua estrutura e eficiência técnica para a produção em massa exigem o indivíduo como um todo. A psicologia proveniente desse modelo já não está, há muito tempo, presa às paredes das fábricas: o indivíduo se identifica com a sua sociedade e, através dele, a sociedade como um todo também o faz. O sujeito alienado é submetido a

---

<sup>44</sup> Ibidem, p.28.

uma racionalidade que torna a consciência manipulada em real, sendo ele absorvido pelo processo de produção e pelos ideais de consumo.

Os meios de transporte e comunicação em massa, as mercadorias, casa, alimento e roupas, a produção irresistível da indústria de diversões e informação trazem consigo atitudes e hábitos prescritos, certas reações intelectuais e emocionais que prendem os consumidores mais ou menos agradavelmente aos produtores e, através destes ao todo. Os produtos doutrina e manipulam; promovem uma falsa consciência que é imune à sua falsidade. E, ao ficarem esses produtos benéficos à disposição de maior número de indivíduos e de classes sociais, a doutrinação que eles portam deixa de ser publicidade; torna-se um estilo de vida. É um bom estilo de vida - muito melhor que antes - e, como um bom estilo de vida, milita contra a transformação qualitativa. Surge assim um padrão de *pensamento e comportamento unidimensionais* no qual as ideias, as aspirações e os objetivos que pode seu conteúdo transcendem o universo estabelecido da palavra e da ação são repelidos ou reduzidos a termos desse universo. São redefinidos pela racionalidade do sistema dado e de sua extensão quantitativa.<sup>45</sup>

A unidimensionalidade afeta toda a hierarquia social. A servidão como instrumento inicial se transfigura, abrangendo também quem inicialmente administrou a própria servidão. A grande maioria dos operários não só é submetida a horários rígidos, mas também é remunerada à base de unidades de tempo<sup>46</sup>. São pagos por horas ou jornadas de trabalho e a onipresença dos relógios nas fábricas simboliza que, ao invés de fornecerem competências, os operários vendem o seu tempo. O tempo aparece como uma mercadoria que se pode ganhar, economizar ou gastar.

---

<sup>45</sup> Ibidem, p.32.

<sup>46</sup> Cf. Gioscia apud CHANLAT, J. (org.). O Indivíduo na Organização – Dimensões Esquecidas Vol.1. São Paulo: Ed. Atlas, 1996, p.181. “Poucas coisas distinguem tão profundamente o modo de vida, que corresponderia ao intelectual, do burguês como o fato de que aquele não reconhece a alternativa entre o trabalho e o prazer. O trabalho que - para ser justo com a realidade - não faz ao sujeito do mesmo o mal que depois fará a outro, é prazer ainda no esforço mais desesperado. A liberdade por ele tentada é a mesma que a sociedade burguesa reserva só para o descanso, ao mesmo tempo que, mediante tal regulamentação, a aniquila. Ao invés, para quem sabe da liberdade, todo o prazer que esta sociedade tolera é insuportável, e fora do seu trabalho, que decerto inclui o que os burgueses deixam para o serão sob o nome de "cultura", não pode entregar-se a nenhum prazer de substituição. Work while you work, play while you play - tal é uma das regras básicas da autodisciplina repressiva.” ADORNO, T. Mínima Moralia. Lisboa: Edições 70, p.121 [84]

O trabalho não precede a redução do trabalho, as unidades de tempo precedem a liberdade humana e reinam soberanamente na sociedade industrial: cada ato de produção é rigorosamente cronometrado, a maioria das nossas atividades obedece à norma do tempo, maximizando a força do trabalho, utilizando a máquina ao máximo<sup>47</sup>. Essa última se fundamenta como um instrumento de perpetuação do trabalho, onde até mesmo “os patrões e proprietários capitalistas estão perdendo sua identidade como agentes responsáveis; estão assumindo a função de burocratas numa máquina corporativa”<sup>48</sup>.

## **1.6 As relações do trabalho e estado do bem-estar social com um estado beligerante**

A manutenção do padrão de vida administrado pela sociedade industrial depende da requalificação constante dos modelos de produção e da expansão intensa da produtividade. O desenvolvimento de um estado de bem-estar é um processo social que depende de políticas sociais racionais, não somente para contenção do desenvolvimento desse aparato técnico, mas também para o estímulo do desenvolvimento moral e intelectual dos homens, já que dentro da perspectiva atual, o estado de bem-estar é um estado de ausência de liberdade por quê:

A sua administração total é restrição sistemática *a)* do tempo livre “tecnicamente” disponível; *b)* da quantidade e da qualidade das mercadorias e dos serviços tecnicamente disponíveis para as necessidades individuais vitais; *c)* da inteligência (consciente e inconsciente) capaz de compreender e aperceber-se das possibilidades de autodeterminação<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> FROMM, E. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987, p.132.

<sup>48</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.49.

<sup>49</sup> *Ibidem*, p.63.

As improdutividades gerais, bem como toda a inteligência utilizada nos processos de planejamento de obsolescências, se tornaram parte do processo de desenvolvimento, com um custo já inserido. Como efeito, um excedente é produzido e destinado como estímulo que retroalimenta as necessidades de consumo. A capacidade de consumo dos consumidores pode ser esticada muito além dos limites estabelecidos por quaisquer necessidades naturais ou adquiridas, da mesma forma que a durabilidade dos objetos adquiridos não é mais exigida. A cultura da sociedade de consumo requer, principalmente, o esquecimento e não o aprendizado<sup>50</sup>.

Gera-se, então, o terreno necessário para o comportamento unidimensional, onde as possíveis forças transcendentais são deterioradas e, qualquer possibilidade de transformação apenas aparece como uma possibilidade exterior ao homem. As mercadorias satisfazem os indivíduos, que submetem suas vidas ao trabalho para continuar a alimentar o ciclo e são subjugados por instituições competidoras que reiteram seu poder sobre os indivíduos, fornecendo-lhes uma afluência que os regozija.

O sistema de poder, formado por estas instituições, amplia os padrões previamente estipulados e combate as alternativas históricas às suas posições, fixando-se em políticas internas e externas às organizações, fechando o seu entorno e tornando-o imune: ampliam suas coordenações modelando os crescimentos e iniciativas<sup>51</sup>. Integram o inimigo ao sistema permanentemente; tanto em momentos de paz quanto nos de guerra, alimentam a mobilização para eminentes situações de emergência, que poderiam impactar na manutenção do sistema econômico vigente, crescendo assim todas as iniciativas de

---

<sup>50</sup> BAUMAN, Z. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.90.

<sup>51</sup> Chanlat estuda os mecanismos de poder utilizados pelas instituições como as práticas disciplinares de controle interno e externo: métodos punitivos (relacionando Foucault), regulamentações da coletividade, formalizações. Todos os fatores que traduzem a necessidade da obediência como o elemento central de toda construção de sistemas de poder e consequente repressão dos indivíduos envolvidos. Cf. CHANLAT, J. (org.). *O Indivíduo na Organização – Dimensões Esquecidas* - Vol.1. São Paulo: Ed. Atlas, 1996, p.51-53.

proteção do modelo. A insânia do todo absolve as loucuras pessoais que transforma os crimes contra a humanidade em empresa racional<sup>52</sup>, como um argumento civilizatório de que existem garantias de que as aptidões do sistema serão mantidas, assim como suas comodidades e a possibilidade de suavização do peso da vida, benesses desse modelo.

A definição de uma vida melhor passa não apenas pela possibilidade de satisfazer as crescentes necessidades materiais e culturais, mas, realmente, viver de uma maneira diferente.

Isso significa não continuar a usar o corpo como um instrumento de trabalho alienado, não continuar fazendo o seu caminho na sociedade e, através da sociedade, de uma maneira essencialmente destrutiva, deixando de ter as características destrutivas da sociedade capitalista [...]. Nos encontramos numa situação nova e excepcional, em que as necessidades materiais e também as necessidades culturais básicas, da maioria da população, foram satisfeitas. Revela-se assim porque o trabalho social é crescentemente utilizado nos chamados objetos e necessidades de luxo, as quais fazem parte da subsistência humana, ou, para falar como Marx, que o capitalismo cada vez mais se reproduz por meio do trabalho improdutivo. Dito positivamente: alcançamos na história o estágio em que o trabalho alienado socialmente necessário não precisa mais ser trabalho *full-time*, mas pode ser reduzido a um mínimo, dando lugar aos poucos a um trabalho mais ou menos autônomo<sup>53</sup>.

A quantidade de trabalho se transformaria em qualidade, podendo o trabalho alienado deixar de determinar a existência humana. As relações de produção foram ampliadas a toda a sociedade e, nesse momento, o capitalismo já não desenvolve as forças produtivas das quais fazem parte os meios de produção e a força de trabalho.

---

<sup>52</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p. 65.

<sup>53</sup> MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.). *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 114

O capitalismo as desperdiça, fazendo-as parar e destruindo-as através de fenômenos, como o desperdício acumulado e obsolescência planejada, onde o que assistimos é um crescimento econômico do tipo unidirecional, que necessita constantemente de novas matérias-primas, promovendo destruição que não é acompanhada de renovação: “é difícil levar a sério argumentos sobre a eficiência numa sociedade que dedica enormes recursos ao supérfluo e a destruição”<sup>54</sup>.

A produção de supérfluos tornou-se uma eficiente técnica de dominação, pois, de fato, a população dos países mais desenvolvidos vive melhor do que jamais vivera, e isso ausenta o confronto gerando uma fraqueza decisiva<sup>55</sup>. Citando Marx, Marcuse diz que o capitalismo acabará sufocado pela própria riqueza, já que o destino histórico do capitalismo só se cumprirá quando o sistema for capaz de sanar todas as necessidades da população e onde o sistema não for sustentado pelo trabalho improdutivo.

Já teríamos os meios necessários para a criação de uma sociedade justa e livre para todos os homens: meios técnicos, naturais e intelectuais<sup>56</sup>. Marcuse acusa duas circunstâncias para que este fato ainda não tenha sido criado: o uso repressivo e agressivo dos meios existentes para a manutenção da sociedade afluenta e a preocupação militar e estratégica<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> CHOMSKY, N. *O Governo do Futuro*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.36.

<sup>55</sup> MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 115.

<sup>56</sup> Em contrapartida, para Chomsky, temos os recursos técnicos e materiais para atender as necessidades do homem, porém, não desenvolvemos os recursos culturais e morais, ou formas democráticas de organização social, que possibilitariam o uso humano e racional de nossa riqueza e poder materiais. Cf. CHOMSKY, N. *O Governo do Futuro*. Rio de Janeiro: Record, 2007, p.54.

<sup>57</sup> Marcuse, à seu tempo, fundamenta a sua visão utilizando a existência dos blocos capitalistas e comunistas, enfatizando a impossibilidade da existência pacífica de ambos. MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse - A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p.115.

Uma das funções dessa sociedade de consumo, criada pelo resultado do seu trabalho, é a sua afluência pelo acorrentamento das mesmas forças de trabalho através da produção de produtos e serviços de que realmente o homem não precisa, mas que o satisfazem plenamente. Este processo conserva a artificialidade e a luta pela existência, mas afugenta o homem de sua autodeterminação. Habermas incita que, do mesmo modo que as grandes religiões apresentavam a vida de seus fundadores como o caminho da salvação, a metafísica também oferecia os seus modelos de vida. As doutrinas da boa vida e da sociedade justa, como a ética e a política, eram doutrinas com uma base única que forma um todo.

Com a aceleração da transformação social, também os períodos de declínio desses modelos da vida ética se tornaram cada vez mais curtos – independentemente da sua orientação. O liberalismo político, como o de Rawls teria marcado o ponto final dessa evolução. Segundo o filósofo, ele reage ao pluralismo ideológico e a individualização crescente dos estilos de vida. A sociedade justa deixa ao critério de todas as pessoas aquilo que elas querem iniciar com o tempo de suas vidas. Ela garante a todos a mesma liberdade para o desenvolvimento de uma autocompreensão ética, a fim de formar uma concepção pessoal de boa vida, segundo as capacidades e critérios próprios<sup>58</sup>.

Os seres humanos têm prazer em comprar o que é produzido e oferecido e, independentemente dos efeitos que isso possa significar, sentem prazer na possibilidade de se reinventar todos os dias, de consumir o novo, estar atento aos movimentos de cultura de massa, exercendo seu poder de criação de rebotalhos.

Leônia é a cidade descrita por Ítalo Calvino como aquela que se refaz todos os dias e sua opulência é medida pelas coisas que todos os dias são jogadas fora,

---

<sup>58</sup> HABERMAS, J. *O Futuro da Natureza Humana: o caminho para uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.4.

dando lugar às coisas novas e frescas. Seus habitantes possuem um prazer acentuado pelo novo e expurgam toda a impureza recorrente, afastando-a de si com um “respeito silencioso”. Os restos de ontem aguardam a carroça do lixeiro e ninguém pergunta para onde esse lixo está sendo levado. Quanto mais Leônia se desenvolve, mais substancioso se torna o lixo, “resistindo às intempéries, à fermentação e à combustão”. Quando mais Leônia expele, mais acumula as escamas de seu passado, criando uma fortaleza de “rebotalhos indestrutíveis”: renovando-se todos os dias a cidade conforma seu processo definitivo: o lixo de ontem se junta ao lixo de anteontem e de todos os dias. Quanto mais cresce em altura, maior é a ameaça do desmoronamento, um cataclismo pode eliminar a cidade, a metrópole que sempre se veste de novo: as cidades vizinhas já estão prontas para aplinar o solo e estender seus territórios<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> CALVINO, Í. *As Cidades Invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003, p.109-111.

## **2 ELEMENTOS DE UMA CULTURA AFIRMATIVA COMO PRÉ-CONDIÇÃO PARA O CONSUMO**

O objetivo principal do primeiro capítulo é apresentar as ideias de Herbert Marcuse a respeito de como o trabalho poderia ser fundamentado. Os elementos que compõem as estruturas de atuação do trabalho, representados por suas formas de controle e distribuição das crenças de conforto e bem-estar, que afirmam uma cultura de repressão que dificulta qualquer movimento de transformação, não somente dos processos produtivos, mas também toda a realidade social que circunda essa ideia.

A afirmação de uma cultura voltada para a conformação da sociedade industrial atrela o indivíduo às forças de trabalho voltadas para produtos não necessários e para necessidades que não são suas. Independentemente daquilo que lhe é oferecido, o ser humano, ansiosamente consome, reinventa-se em novidades tecnológicas, deixa-se levar pelas obsolescências que acompanha de perto sem criticar, sem observar seus efeitos.

O objetivo deste capítulo é apresentar como a sociedade industrial, relatada por Marcuse, pavimenta as bases culturais para não somente uma produção desmedida, mas também para um consumo desmedido. Marcuse, de certa forma, antecede Baudrillard dentro de uma ideia mais ampla para entender o que determina os padrões culturais de nossa época. Evoca uma fundamentação da relevância do trabalho para inoperância do indivíduo, que o deixa inevitavelmente propenso ao consumo, caso contrário não se fundamenta em si mesmo. Se Baudrillard apresenta os ofensivos efeitos do consumo para o indivíduo e para a sociedade, Marcuse determina como esses são preparados e conduzidos para o consumo.

## 2.1. Caráter afirmativo da cultura de inclusão ao consumo pelo trabalho

As análises, a respeito das deformações pela sociedade dominada pelo trabalho repressivo em Marcuse, são complementadas por sua caracterização do caráter afirmativo da cultura. Por ela, a cultura não possibilitaria uma tomada de consciência do trabalhador, de forma a orientá-lo para uma práxis de transformação do processo produtivo, ou orientá-lo para uma nova possibilidade da realidade produtiva social<sup>60</sup>. A realidade seria uma realidade de deformação e dominação pelo trabalho que não o possibilita sua auto-realização plena como fim em si mesmo.

A felicidade dos indivíduos só é possível pela possibilidade de alcance dos bens que esses poderão adquirir através das projeções efetuadas pela cultura do trabalho. Escravizam sua existência a um projeto externo, a tudo que a sociedade industrial poderá lhe oferecer, já que a formação cultural está diretamente vinculada ao trabalho social. Existe um tema recorrente na fundamentação que se apresenta ao se remeter o conhecimento supremo e o prazer supremo à teoria pura e desprovida de finalidade: o mundo do necessário, da provisão cotidiana da vida, é inconstante, inseguro e não livre – essencialmente, e não só de fato.

Dispor sobre bens materiais nunca constitui inteiramente obra de sabedoria e da laboriosidade humanas; eles se concentram sob o domínio do acaso. O indivíduo que coloca seu objetivo supremo, sua felicidade, nesses bens, se converte em escravo de homens e de coisas que se subtraem a seu poder: renuncia à sua liberdade.

---

<sup>60</sup> A não efetivação da consciência de classe seria atribuída à ausência de acesso à cultura por parte do trabalhador: os programas de formação cultural do proletariado, como o desenvolvido por Lukács, sustentavam-se nesta tese. Cf. MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.25-26.

Riqueza e bem-estar não são alcançados e mantidos por sua decisão autônoma, mas devido aos favores mutáveis de relações imprevisíveis.

Assim, os homens subordinam a sua existência para um fim em seu exterior. Um fim que por si só já o atrofia e o escraviza, implica o pressuposto de uma ordem perversa das condições materiais da vida, cuja reprodução é regulada pelo conluio de interesses sociais, que mesmo opostos entre si, geram uma ordem de propagação de existência, que não está diretamente interessada com a felicidade e a liberdade dos envolvidos.

Na cultura afirmativa, o empobrecimento social dos indivíduos e seus isolamentos são não apenas intensamente reproduzidos, mas extenuamente glorificados. E este é o milagre dessa cultura, já que os “homens podem se sentir felizes, inclusive quando efetivamente não são. O indivíduo, remetido a si mesmo, aprende a suportar e, de certo modo, até a amar seu isolamento”<sup>61</sup>.

A existência se torna, então, quase um pedido de desculpas, já que a validade universal da felicidade é suprimida. Na sociedade industrial, a suposta igualdade dos indivíduos se realiza apenas como uma desigualdade concreta, já que na realidade, apenas uma pequena parte dos homens, realmente, dispõe do poder de compra, necessário para adquirir as mercadorias exigidas para assegurar a sua felicidade. Com isso, a igualdade não poderia ser conduzida para a reunião de condições para que se possa adquirir qualquer produto.

Para o atingimento desse tipo de felicidade, faz-se necessária uma intensificação do trabalho, para que não seja perdida a possibilidade de participação e acompanhamento de todas as novidades apresentadas. Necessidades introjetadas como

---

<sup>61</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.120.

sendo suas, que se tornam indispensáveis à existência, que modificam a estrutura social e que mantêm todo o manancial de dominação.

O progresso técnico serve, em grande parte, para aumentar o nível de submissão do homem ao trabalho. Segundo Marcuse, a elevação do nível de vida foi alcançada com a ampliação e a intensificação do trabalho alienado. Precisamos e devemos comprar as infindáveis possibilidades e quantidades de produtos que são abundantemente oferecidos. Mas, para que essa possibilidade seja efetivada, faz-se mister trabalhar sempre mais e mais do que antes.

Se temos, por um lado, uma imagem da possibilidade de uma riqueza inesgotável, que poderia tornar realmente impossível o trabalho alienado, ou, em todo caso, reduzi-lo muito, temos, por outro lado, a pressão para continuar e aumentar o trabalho alienado. Marcuse ainda acrescenta que essa sociedade na sua estrutura é, talvez, em grande medida, um sistema de dominação, como foram formas sociais passadas, já que a dominação é, em um grau inaudito, também interiorizada, de tal modo que muitos homens sentem como suas as necessidades e como seus próprios fins aquilo que de fora é impregnado neles pelo aparato de dominação<sup>62</sup>.

A possibilidade de uma liberdade afluyente é projetada pela cultura afirmativa como sendo disponível a todos, principalmente para o desfrute dos bens oferecidos pelas transformações realizadas pelo trabalho. Marcuse classifica essa liberdade como sendo abstrata, já que não existe uma real fruição pelos indivíduos, mas uma condução ao mercado pela transformação dos resultados do trabalho e a possibilidade de continuar a participação como um ente ativo da sociedade. Para ele, a sociedade burguesa libertou os indivíduos, mas como pessoas que se mantêm sob controle.

---

<sup>62</sup> MARCUSE, H in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p.15-16.

Analogamente, para os pobres a coisificação na fábrica se tornaria um dever moral, mas a coisificação do corpo, como instrumento de fruição, se converteria em depravação, “prostituição”. Também nessa sociedade, a miséria é a condição do ganho e do poder. Contudo, a dependência se realiza por intermédio da liberdade abstrata. A venda da força de trabalho deve ocorrer com base na decisão do próprio pobre. Ele realiza o trabalho a serviço de seu patrão, sua pessoa em si, separada de valiosas funções, esta abstração ele pode guardar para si, erigindo-a em sacralidade. Deve mantê-la pura. A proibição de conduzir o corpo ao mercado não apenas como instrumento de trabalho, mas também como instrumento de fruição, constitui uma das raízes sociais e psíquicas básicas da ideologia patriarcal-burguesa. Aqui se impõem limites à reificação, cuja manutenção é vital para a perpetuação do sistema<sup>63</sup>.

A oposição de interesses dos indivíduos efetivou a libertação do indivíduo e não a solidariedade. Sua relação com o mundo é determinada pelas leis cegas da produção de mercadorias e do mercado. Em ambos os casos, o isolamento do indivíduo não seria superado, já que a sua superação representaria a efetivação de uma solidariedade efetiva, ou seja, a superação da sociedade individualista para um formato superior de existência social<sup>64</sup>.

Desde o início, a liberdade dependia da manutenção da condenação da fruição. Marcuse explicita que a sociedade dividida em classes conhece como servidão e exploração e, na medida em que na nova ordem as camadas dominadas já não se encontravam imediatamente disponíveis com suas pessoas, mas eram utilizadas mediamente pela produção de mais-valia para o mercado, era considerado desumano utilizar o corpo dos dominados como fonte de fruição, usando os seres humanos assim

---

<sup>63</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.114-115.

<sup>64</sup> *Ibidem*, p.110.

como meios; mas, a utilização de seus corpos e de sua inteligência, com a finalidade do lucro, era considerada, por sua vez, como afirmação natural da liberdade.

## 2.2. Tolerância Repressiva

Marcuse argumenta contra a tolerância das democracias industriais em sua obra *Tolerância Repressiva*. Classifica a tolerância como sendo uma fraude, já que as opiniões são apenas permitidas porque não existem possibilidades de serem efetivadas, ao mesmo tempo em que a maioria dos indivíduos, controlados pelo sistema, não podem ouvir e nem tampouco entender críticas radicais ao modelo da qual participam<sup>65</sup>.

Com isso, ocorre um certo tipo de singularização cultural, que torna os indivíduos envoltos em si próprios, com personalidades efetivamente fechadas e motivados para a sobrevivência. Essa repressão corresponde a um método liberal de disciplina, que permite que o indivíduo persista como pessoa enquanto não perturba o processo de trabalho, ao mesmo tempo em que não exige qualquer tipo de domínio explícito sobre os planos privados do indivíduo. Os movimentos das forças econômicas são responsáveis pelo processo de integração social do homem.

O espaço de realização externa se tornou muito restrito, o espaço de realização interior muito grande. O indivíduo aprendeu a cobrar, em primeiro lugar, de si mesmo, todas as exigências. O domínio da alma se tornou mais exigente para o plano interior e mais modesto para o plano exterior. A pessoa já não é um trampolim para o ataque ao mundo, mas uma linha de recuo

---

<sup>65</sup> MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.105-106.

protegida atrás do *front*. Em sua interioridade, como pessoa ética, ela constitui a única propriedade segura que o indivíduo não pode perder. Ela não é mais fonte de conquista, mas da renúncia. Personalidade é sobretudo aquele que renuncia, o homem que logra a sua realização no interior das circunstâncias dadas, por mais pobres que sejam. Ele encontra a sua felicidade no existente. Mas mesmo sob forma tão empobrecida, a ideia da personalidade contém o momento progressivo, segundo o qual afinal se trata o indivíduo<sup>66</sup>.

Com a perpetuação dos mecanismos sociais de produção, a materialidade impregnada é incapaz de ser negada. Assim como o mundo do trabalho se revela durante o transcurso de uma forma cada vez mais clara, a transformação de toda a existência, a serviço dos interesses econômicos mais poderosos, também é explícita. A tolerância repressiva assume uma cultura afirmativa e determina, inclusive, as exigências de uma nova cultura, onde “a necessária intensificação e expansão da disciplina do trabalho faz com que pareça perda de tempo a ocupação com os ideais de uma ciência objetiva e com uma arte existente por si própria”<sup>67</sup>.

Ao mesmo tempo que se perde a possibilidade de expansão de ideais, os indivíduos sobrevivem através de uma competição que os submete ao confronto pela sobrevivência, pela escassez das possibilidades de trabalho e, conseqüentemente, pelas suas posições sociais. A necessidade de sobrevivência permanece racionalizada e interiorizada na cultura. Não existem contradições, mas apenas indivíduos incitados à idealização dessa exigência. Hannah Arendt observa como é surpreendente que a era moderna glorifica o trabalho como fonte de todos os valores e a elevação do *animal laborans* à posição normalmente ocupada pelo *animal rationale*. Segundo ela, é típico de todo o trabalho nada deixar atrás de si, que o resultado do seu esforço seja consumido quase tão depressa quanto o esforço é despendido e, esse esforço, a despeito de sua

---

<sup>66</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.122.

<sup>67</sup> *Ibidem*, p.126.

futilidade, é motivado por um impulso mais poderoso que qualquer outro, pois a própria vida depende dele<sup>68</sup>.

Na opinião de muitos teóricos organizacionais radicais, embora se tenha avançado a um longo caminho desde a exploração encontrada na escravidão e nos anos iniciais da Revolução Industrial, o mesmo padrão de exploração contínua existe hoje em dia, porém, com um caráter mais sutil. As evidências são encontradas no modo pela qual as organizações determinam as oportunidades de trabalho para produzir e reproduzir as estruturas de classes das sociedades modernas, no modo pelo qual as organizações abordam problemas relativos a condições inseguras de trabalho, acidentes de trabalho, doenças ocupacionais e, finalmente, no modo como as organizações perpetuam estruturas e práticas que promovem o vício pelo trabalho e formas relacionadas de estresse mental e social<sup>69</sup>.

Marcuse explica que, na época burguesa, a teoria da relação entre o necessário e o belo, entre o trabalho e o prazer, experimentou modificações decisivas. Segundo ele, em primeiro lugar desapareceu o modo de ver, segundo o qual a ocupação com os valores supremos seria apropriada como profissão por determinados setores sociais. Essa visão foi substituída pela tese da universalidade e da validade geral da cultura. A teoria antiga afirmara de boa consciência que a maioria dos homens são obrigados a despender sua existência com a provisão das necessidades vitais, enquanto uma pequena parcela se dedica ao prazer e à verdade<sup>70</sup>.

Por menos que tenha se modificado a situação, a boa consciência, segundo Marcuse, desapareceu. Hoje, a competição livre confronta os indivíduos entre si como ativos compradores e vendedores de sua força de trabalho. Em suas relações sociais, os homens são reduzidos a uma abstração pura, onde alguns são de nascença destinados ao

---

<sup>68</sup> ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p. 105-108.

<sup>69</sup> MORGAN, G. *Imagens da Organização*. São Paulo: Atlas, 1996, p. 286.

<sup>70</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.94.

trabalho, outros para o ócio, ou seja, alguns para o necessário e outros para o belo. Assim como a relação de cada indivíduo com o mercado é imediata (sem que suas qualidades e necessidades pessoais adquiram relevância a não ser como mercadorias), também é imediata em relação a Deus, em relação à beleza, à bondade e à verdade”<sup>71</sup>.

A felicidade como possibilidade das realizações do indivíduo pressupõe a ideia de liberdade. Marcuse analisa que, na realidade, a felicidade só poderia ocorrer quando alinhada à uma efetiva liberdade universal. A efetiva ideia de liberdade na sociedade industrial é reprimida para uma satisfação temporária ou de sacrifícios.

A cultura deve assumir a preocupação com exigência de felicidade dos indivíduos. Mas os antagonismos sociais que a fundamentam admitem essa exigência na cultura somente quando interiorizada e racionalizada. Numa sociedade que se reproduz por meio da concorrência econômica, a simples exigência de uma existência feliz do todo já representa uma rebelião: remeter os homens à fruição da felicidade terrena significa certamente não remetê-los ao trabalho na produção, ao lucro, à autoridade daquelas forças econômicas que preservam a vida desse todo. A exigência de felicidade contém um tom perigoso em uma ordem que resulta em opressão, carência e sacrifício para a maioria. As contradições de uma ordem como esta impelem à idealização dessa exigência. Mas a verdadeira satisfação dos indivíduos não pode ser enquadrada em uma dinâmica idealista que reiteradamente adia a satisfação ou desvia a mesma para aspirar ao nunca alcançado<sup>72</sup>.

Mesmo a sociedade burguesa não poderia gozar o luxo da felicidade, segundo Marcuse. Dois aspectos poderiam ser destacados como motivos: o primeiro

---

<sup>71</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.94.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p.100.

consiste na sua relação com a liberdade e o outro consiste na incapacidade da sociedade burguesa de conciliar a felicidade particular com felicidade geral.

Em Baudrillard, assim como em Marcuse, entendemos que a felicidade tende a se construir por defeito. O consumo cria um novo sistema de valores, normas de eficácia e sacrifício. Observa-se então a intensa culpabilização que se insere no novo estilo de conduta hedonista, orientado pelas intenções de desejo, definidos por planos estratégicos de desejo<sup>73</sup>. Baudrillard observa os movimentos para a formatação de uma consciência igualitária como sendo propulsores para acumulação de signos de felicidade, de inclusão, que ilustrariam o cotidiano com a opulência da grande satisfação. Marcuse acusa o sistema educacional como não mais uma ferramenta de construção social, mas como um mecanismo arbitrado para a manutenção da conformação. Os signos de felicidade estariam perpetuados, a opulência ensinada como o viver.

---

<sup>73</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.26.

### 2.3. Educação para conformação do trabalho

O avanço tecnológico e os investimentos nesse mesmo avanço promovem a expansão da sociedade industrial e influem decisivamente em todas as camadas da sociedade, de diferentes formas, em diferentes velocidades, mas, principalmente, com diferentes objetivos. Mesmo que não previamente coordenados, o ajuste social que a sociedade industrial promove, de acordo com os objetivos traçados, acontece à medida que o desenvolvimento do sistema como um todo estipula novas demandas.

Dentro dessas camadas, o sistema de educação tem por objetivo produzir e processar não só aqueles de quem a economia necessita fornecendo o manancial operacional necessário<sup>74</sup>, mas também se integrando de tal forma a ponto de ser difícil diferenciá-lo: utilizam os mesmos processos de avaliação e objetivos quantitativos<sup>75</sup>, onde “o controle contínuo substitui o exame. Este é o meio mais garantido de entregar a escola à empresa”.

Nas sociedades de disciplina, as assinaturas indicam a posição e a importância de um indivíduo na estrutura da organização; o número de identificação possibilita uma localização específica na massa; os salários se configuram como a

---

<sup>74</sup>Alasdair Macintyre não concorda com esta perspectiva, dizendo que esta é uma visão dos “seguidores de Marcuse” e julga que a educação tem se expandido e se adaptando de acordo com o desenvolvimento da estrutura de empregos que também se modifica. De qualquer forma, avalia que esta relação tem se enfraquecido e não se fortalecido com as suas expansões. Cf. MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.83.

<sup>75</sup>“Não são poucas, hoje, as correntes de pensamento que capitulam ao canto da sereia da razão que, na pretensão quantitativa – na fidelidade a um modelo de razão que, na pretensão de tudo eliminar, tudo equaliza e indiferença, num processo de homogeneização violenta. Pois essa é a tradução da linha hegemônica da racionalidade ocidental, habitamos: transformar qualidade em quantidade, quantificar o inquantificável, indiferenciar o singular, tornar-se in-diferente à vida”. SOUZA, R.T. Por uma pedagogia da alteridade: repensando a educação com Levinas, in. CARBONARI, P. C., COSTA, J.A., DALMAS, G (Org.), *Ética, Educação e Direitos Humanos - Estudos em Emmanuel Levinas*. Passo Fundo: IFIBE, 2008, p. 29.

viabilização do controle, ferramenta de distribuição de poder e permanência dos processos como palavra de ordem. Substituindo a fábrica, a empresa sofisticou esses mecanismos, utilizando a questão salarial em uma modulação superior, onde aplica contínuos desafios e metas para futuras recompensas em um processo de mudança e melhoria permanente e infinito; as senhas substituem as cifras e possibilitam acesso às informações bem como aqueles que não têm acesso são os rejeitados; as massas se tornaram dados. Para tal exige uma nova educação, voltada para a maximização de resultados específica, que requer uma formação particular, voltada para sistemas constituídos internamente pela própria organização, que demandam especificidades e qualificações exclusivas. Com efeito, assim como a empresa substituiu a fábrica, a formação permanente exigida pela empresa substituiu a escola<sup>76</sup>.

Desta feita, e por muitas vezes, as organizações da sociedade industrial substituem o próprio sistema de educação por um modelo próprio, estimulado pela necessidade do desenvolvimento de competências exclusivas para os seus processos que nunca são terminados: por exigirem eternas melhorias em busca da melhor eficiência, não existe nenhuma possibilidade de uma quitação aparente. A educação externa é utilizada como matéria-prima para contínua revisão dos processos internos, todas as possibilidades apresentadas externamente são lapidadas para a manutenção de um sistema específico desenhado para o processo/ produto fim.

Marcuse projeta a educação como sendo a possibilidade da criação de uma consciência autônoma e emancipatória. Ao mesmo tempo, Adorno observa que uma educação para a contradição é uma educação para uma resistência e que ainda deve ser elaborada em todos os planos de nossa vida<sup>77</sup>. Para ele, a necessidade de uma educação num novo sentido, que envolva outros grupos sociais mesmo quando a sociedade está armada mais do que nunca contra uma mudança radical, mesmo que as derrotas sejam

---

<sup>76</sup> DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992, p.219-221.

<sup>77</sup> ADORNO. T. W. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006, p.183.

inevitáveis e se traduzem na perspectiva da emancipação a possibilidade de formação de uma sociedade em termos de trabalho social, onde se determinariam as relações entre os participantes de forma a promover o encontro dos indivíduos com a humanidade.

A educação seria uma possibilidade de criação de uma consciência autônoma e emancipatória, já que a possibilidade de libertação exige primeiramente dos envolvidos o entendimento por eles próprios de que existem dominação e manipulação.

Uma mudança social pressupõe que existam para ela *necessidades (Bedürfnis)* vitais, assim como as experiências são impedidas na cultura estabelecida de se desenvolverem. Sua libertação pressupõe a reparação da dimensão cultural perdida que (não importa em qual modo precário) estava protegida da violência totalitária da sociedade: era a dimensão espiritual da autonomia. A educação para uma independência intelectual e pessoal – que soa como se fosse posto um objetivo, geralmente reconhecido. Em realidade, trata-se aqui de um programa por demais subversivo, que encerra a violação de alguns dos mais sólidos tabus democráticos. Pois a cultura democrática dominante promove a heteronomia sob a máscara de autonomia, impede o desenvolvimento das necessidades e limita o pensamento e a experiência sob o pretexto de ampliá-los e estendê-los ao longe por toda a parte<sup>78</sup>.

Até mesmo a felicidade se converte meio de sujeição e enquadramento na cultura afirmativa. Marcuse referenda que a arte contribuiu para a grande realização educacional dessa cultura: ajudou a disciplinar o indivíduo anteriormente liberto, e na nova liberdade lhe trouxe uma nova forma de servidão, de modo a tornar suportável a ausência de liberdade da existência social onde existe uma evidente oposição entre as possibilidades de uma vida mais rica, e a pobre forma atual de vida, que reiteradas vezes impeliu a interiorização de suas próprias demandas.

---

<sup>78</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol. I*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1997, p.163-164.

Para Marcuse, foi necessária uma educação secular para tornar tolerável aquele grande choque cotidianamente reproduzido: por um lado a permanente promessa de liberdade, e por outro lado, a humilhação geral da maioria da humanidade, a irracionalidade do processo de vida social, a vitória do mercado de trabalho sobre o humanitarismo, do lucro sobre o amor ao próximo<sup>79</sup>.

Para ele, a repressão social, como efeito da sociedade do trabalho, serve como pano de fundo para a prosperação da sociedade de afluência, do acúmulo de signos de prosperidade e banalização cotidiana. Baudrillard procura aprofundar determinadas ideias de Marcuse se utilizando de sua visão sobre a sociedade de consumo para constituir um ideário crítico das manifestações do consumo em nossa sociedade e como essa formatação resulta em sofisticadas formas de controle sociais. No Capítulo 3, serão apresentadas reflexões de Baudrillard sobre esse tema.

#### **2.4 O trabalho e as causas da destrutibilidade ecológica: a visão freudiana de Marcuse**

As causas da destrutibilidade ecológica promovida pelos indivíduos, foi investigada por Marcuse. Dentro de um contexto de destrutibilidade geral promovida pelo trabalho e conseqüentemente pela sociedade, ele se utiliza de conceitos psicanalíticos desenvolvidos por Freud para uma aprimorada reflexão: pulsão da vida (Eros), pulsão de morte (Thanatos) e princípio de realidade (soma de normas e valores que governam o comportamento normal dentro uma sociedade estabelecida). Utilizando a hipótese freudiana dos impulsos primários; esboça uma análise da estrutura do homem e seus

---

<sup>79</sup> Ibidem, p.120.

movimentos para esses impulsos e o predomínio dos membros individuais de uma estrutura de caráter destrutivo<sup>80</sup>.

O predomínio do caráter destrutivo nos membros individuais da sociedade atual e o ponto de partida; uma profunda dimensão na qual a sociedade se reproduz na consciência dos seus indivíduos e do mesmo modo em seu inconsciente. Eventos como o desenvolvimento militar, subordinando os direitos humanos a uma estratégia global e conseqüente ameaça de guerra quando a estratégia for contestada, sugere um contexto de destruição latente, fornecendo o contexto onde ocorre as reproduções individuais desta destruição, onde já se encontra o impulso primário de destruição da vida (Thanatos). No equilíbrio com a pulsão de vida (Eros) existe o indivíduo, com seus impulsos constantemente fundidos e relacionados: se um impulso aumenta, ocorre um enfraquecimento do outro.

Pelo fato de serem primários, esses impulsos poderiam restringir qualquer tentativa de mudança social a uma questão de psicologia individual. Marcuse, porém, salienta que existe um equívoco, se defendido algum contraste entre psicologia individual e psicologia social: não existiria separação entre ambas, em graus variados todos os seres humanos são seres socializados governados por um princípio de realidade que controla as manifestações dos impulsos dos homens. As instituições sociais, a divisão do trabalho e as estruturas de poder que oferecem e introjetam camadas de valores e objetivos aos indivíduos que as assumem como suas; as necessidades sociais passam a ser necessidades individuais.

Como efeito disso, uma estrutura de caráter afirmativo é estabelecida, um sistema de necessidades é determinado e qualquer movimento de negação dá lugar a um movimento de conformação. As forças da lei e da ordem, formatadas como

---

<sup>80</sup> Em conferência realizada em 1977 para estudantes ligados ao movimento ecológico da Califórnia, Marcuse investigou as raízes da destrutibilidade ecológica no interior dos próprios indivíduos. Cf. MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p.143-154.

mecanismos de introjeção, mantêm o sistema em funcionamento. Nas sociedades industriais avançadas importa empreender uma tentativa de tomar nas rédeas uma mediação, que até agora se impôs em termos de história natural, entre o progresso técnico e a práxis vital das grandes sociedades industriais<sup>81</sup>.

Esse processo de afirmação é facilitado pela existência de bases racionais fundamentadas no material e no estado de bem-estar que compensam real e imaginariamente a alienação intensificada pelo trabalho. Esse movimento conforma uma estrutura de caráter afirmativo em detrimento de uma estrutura de caráter radical, onde a pulsão de vida seria preponderante à pulsão de morte<sup>82</sup>.

A organização social da energia repulsiva repele as tentativas das pulsões de vida, tornam-se impotentes para fomentar uma reorganização do princípio de realidade dominante. As pulsões de vida fomentam os agentes de emancipação, grupos com novas linguagens e objetivos, grupos que não caracterizam a luta entre classes no sentido tradicional, mas revoltas existenciais contra um princípio de realidade obsoleto, com resultados pulsionais e intelectuais.

Marcuse denuncia a orientação maligna do psiquismo humano com respeito à natureza. O *Homem Unidimensional* distingue dos outros tipos de domínio: um repressivo, outro libertador. A história é, em efeito, a violação da natureza colocada a mercê da razão, mas a razão não somente desdobra como poder e domínio, mas como liberdade e arte da vida. Para ele, o homem poderia promover o respeito à natureza e sua melhora<sup>83</sup> a mesma natureza que Baudrillard sinaliza como reduzida à fonte de energia aos homense se vingam através de catástrofes naturais<sup>84</sup>.

---

<sup>81</sup> HABERMAS, J. *Técnica e Ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70, 2006, p.104.

<sup>82</sup> MARCUSE, H. in LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 147.

<sup>83</sup> GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.154.

<sup>84</sup> BAUDRILLARD, J. *El Intercambio Imposible*. Madrid: Ediciones Catedra, 2000, p. 50.

Chegamos ao denominador comum de que temos os meios para a produção que seria necessária ao nosso próprio sustento. Por outro lado, cada vez mais se reduz o número de pessoas que desafiam esse veredicto social. A produção é antes de tudo o preparo para o consumo: os homens vivem e consomem para ter força para trabalhar ou trabalham para ter os meios de consumo. Marcuse sublinhou como os diversos discursos críticos são encaixados sem problemas na sociedade de consumo. Esta não somente os absorve permissivamente, mas também os comercializa, os vende em supermercados e se serve destes para seguir acumulando capital<sup>85</sup>.

Somos uma sociedade que trabalha e que consome, sendo que o trabalho e o consumo são dois estágios do mesmo processo, impostos a todos nós pela necessidade da vida. Ambos podem, inclusive, mudar de proporção até o ponto em que toda a força de trabalho humano seja gasto em consumir, acarretando um grave problema social ao puro lazer, já que ambos se misturam indelevelmente<sup>86</sup>.

Os processos naturais não são interrompidos pelos bens de consumo que são frutos do trabalho. Produtos não fazem parte do mundo em tempo que possam transcender o tempo da vida de quem os produziu. O trabalho não transcende a vida, mas busca a subsistência de cada indivíduo. Os homens permanecem no trabalho e no consumo: socializam-se, identificam-se, labutam, descansam, são felizes e tristes.

Quanto mais fácil se torna a vida em uma sociedade de abundância, mais complicada se torna a manutenção da consciência de reais necessidades. Uma sociedade deslumbrada pela produção abundante fertiliza o consumo em um processo com

---

<sup>85</sup> GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.167.

<sup>86</sup> *Ibidem*, p.163.

funcionamento interminável, onde os atores não enxergam sua própria futilidade, a futilidade de vidas que não se fixam em nenhuma base de sentido depois que seu trabalho é finalizado e começa o consumo.

### 3 SOCIEDADE DE CONSUMO

O consumo em massa e os valores que eles veiculam são os responsáveis pela mutação que se pode datar, da segunda metade do século XX. Essa seria a primeira fase do consumo, como hoje conhecemos. O aumento da produção industrial, a difusão dos produtos produzidos pela modernização dos transportes e comunicação, bem como o surgimento dos métodos comerciais e de marketing, deram início ao capitalismo moderno, a segunda fase desse modelo.

A primeira fase do consumo ainda era eminentemente restrita à classe burguesa, porém, por volta dos anos 50, a produção e o consumo de massa não estão mais reservados à classe privilegiada, o individualismo se liberta das normas tradicionais e emerge uma sociedade cada vez mais voltada para o presente e as novidades que ele traz, já tomada por uma lógica de sedução, concebida na forma de hedonização da vida que seria acessível ao conjunto de camadas sociais<sup>87</sup>.

É na revolução do cotidiano que surge a consagração do nosso presente. No cerne do novo arranjo social é que temos a passagem de um capitalismo de produção para uma economia de consumo; a substituição de uma sociedade disciplinar para um modelo reestruturado para o efêmero, a renovação e a sedução permanentes e incessantes<sup>88</sup>.

A sociedade que trabalha é a sociedade que consome: a lógica do consumo absorve a sua própria racionalidade e origem. Um mundo fanático pela técnica e

---

<sup>87</sup> LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.23-24.

<sup>88</sup> *Ibidem*, p.60.

desempenho, pela vontade do poder, que tem como objetivo o domínio sobre as coisas e sobre os homens, foi o cenário trabalhado por Jean Baudrillard, em sua obra *Sociedade de Consumo*. Além de entender o detalhamento sobre as causas e efeitos desta sociedade é possível observar o aprofundamento de muitas análises iniciadas por Herbert Marcuse.

Marcuse observava que a sociedade de consumo não seria uma expressão adequada, já que, em seu tempo, a organização da sociedade de consumo ainda girava em torno da produção e os artefatos estratégicos da propagação do consumo ainda estavam em estágio inicial. Sua análise pode ser relacionada ao que seria a primeira fase da sociedade do consumo, predominantemente burguesa, com abrangência social ainda restrita, girando em torno de mecanismos de extração produtiva daquilo que seria possível absorver dos métodos artesanais ou estágios tecnológicos iniciais de produção.

Mesmo que em estágios diferentes de análise, tanto Marcuse quanto Baudrillard se direcionaram para o mesmo sentido: uma crítica aos impactos humanos e sociais provenientes da produção e consumo, e a possibilidade de algumas soluções. Em seus estudos iniciais, Baudrillard partiu da análise dos pensamentos existencialistas e humanistas sobre a obra de Marx, em especial as análises existenciais de Sartre e a crítica da alienação marcusiana da sociedade unidimensional<sup>89</sup>.

O consumo, para Baudrillard, seria controlado por um pensamento mágico, uma mentalidade sensível ao miraculoso que rege a vida cotidiana, uma mentalidade primitiva no sentido em que foi definida, como baseada na crença da onipotência dos pensamentos no caso presente. O classifica como um fenômeno contemporâneo governando por uma codificação de significados, que não está no ato físico do processo de compra ou uso de um objeto, mas sim no idealístico ato de apropriação de

---

<sup>89</sup> MERRIN, W. *Baudrillard and the Media – A Critical Introduction*. Cambridge: Polity Press, 2005, p.16.

um significado: a ideia e sentido dos objetos ou suas mensagens é uma atividade que consiste na sistemática manipulação de signos<sup>90</sup>.

A opulência, que não passa de acumulação de signos da felicidade, é característica determinante da segunda fase da sociedade de consumo. As satisfações que os objetos em si conferem são o equivalente do reflexo antecipado da grande satisfação virtual, de uma opulência total e da jubilação derradeira dos miraculados definitivos, cuja esperança louca alimenta a banalidade cotidiana. As satisfações menores reduzem-se ainda a simples práticas de exorcismo, com meios de captar e conjurar um bem-estar total<sup>91</sup>.

Se em Marcuse não encontramos um aprofundamento das consequências do consumo em nossa sociedade, é possível considerar que encontramos um profundo delineamento de como essa sociedade é preparada para que o indivíduo seja conduzido para o consumo. O movimento ambiental e a computadorização da sociedade nos coloca em contato com tecnologias que Marcuse não pode antecipar<sup>92</sup>. É nesse ambiente que os indivíduos finalizam as predisposições ordenadas pela alienação industrial, o consumo complementa uma fundamentação do trabalho alienado.

Mesmo que Marcuse não tenha presenciado os efeitos devastadores da produção desmedida, que atualmente observamos em sua obra, e por reiteradas vezes, presenciemos esse sentimento. Talvez Marcuse não pudesse observar que o avanço tecnológico, que fundamentou algumas de suas obras mais importantes, chegasse ao nível de penetração e dependência social que hoje convivemos, porém, os efeitos que esses movimentos impactariam na formatação do modelo de trabalho, por ele relatados, são oportunamente atuais.

---

<sup>90</sup> Ibidem, p.16.

<sup>91</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.21-22.

<sup>92</sup> FEENBERG, A. *Heidegger and Marcuse: The catastrophe and redemption of history*. New York: Routledge, 2005, p.103.

Encontramos em Baudrillard e Marcuse o mesmo sentimento de desolação com o direcionamento que tomamos, com relação à nossa sociedade. Marcuse, em diversos momentos, atreve-se ainda a propor soluções, porém, em Baudrillard encontramos um ambiente niilista, que proporciona ao seu leitor um sentimento de distância de qualquer movimento, mesmo inicial, de reconstrução e transformação<sup>93</sup>. Se em Marcuse encontramos uma profunda análise das mudanças sociais que culminariam nas configurações iniciais do capitalismo, como o conhecemos atualmente, em Baudrillard encontramos razões para entender sua visão do fim da política econômica. Se em Baudrillard encontramos uma renúncia da política radical, em Marcuse encontramos a ligação da sua Teoria Crítica com os mais radicais movimentos políticos da sua época<sup>94</sup>.

O consumo centraliza sua análise social como um elemento eminente do simulacro que estamos envolvidos, onde o homem se aliena e se torna obsoleto. Estamos em um momento em que a comercialização dos modos de vida não mais encontra resistências estruturais, culturais, nem ideológicas, já que as esferas sociais e individuais se arranjam em função do consumo<sup>95</sup>. Os indivíduos que se desapossaram de sentidos transcendentais se tornaram cada vez mais volúveis, e nossa relação com os objetos e com os seres se modificaram, já que a superficialidade dos vínculos contaminou o corpo social.

A sociedade de consumo gera a avidez por um sistema de objetos. Produz, em profundidade, para a reprodução do sistema, incentiva o desejo insaciável de necessidades universais suscetíveis de satisfação, através de uma tecnologia funcional e uma distribuição de objetos democratizáveis<sup>96</sup>. Não se caracteriza, em profundidade, como um modo passivo do uso de bens e serviços compulsivamente introjetados por um

---

<sup>93</sup> KELLNER, D. *Marcuse and the Quest for Radical Subjectivity*, in ABROMEIT, J.(org) e COOB, W.M (org). *Herbert Marcuse: A critical reader*. New York: Routledge, 2004, p.94.

<sup>94</sup> KELLNER, D. *Herbert Marcuse and Vicissitudes of Critical Theory*. In *Towards a Critical Theory of Society – Collected Papers of Herbert Marcuse*. London and New York: Routledge, Vol. 2, p.31-33.

<sup>95</sup> LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.31.

<sup>96</sup> BAYCE, R. *Jean Baudrillard: incompreendido, fermental, audaz*. Ciências Sociais UNISINOS, vol.43, n.02 (maio/agosto 2007) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001, p. 165.

maquiavelismo industrial e comercial, na realidade, prevalece um modo ativo de dar um novo significado ao mundo dos objetos na relação do consumo<sup>97</sup>.

Esse consumo absorve e envolve cada vez mais parcelas de nossa vida social. Dispõe-se em função dos fins e critérios individuais e segundo uma lógica emotiva, que faz com que os produtos sejam consumidos antes de tudo para sentir prazer, já que “o gozo privado suplantou a exigência de ostentação e reconhecimento social”<sup>98</sup>.

### **3.1 A busca da felicidade pela ideologia igualitária do bem-estar**

Com todas as possibilidades do bem viver disponíveis, os valores dos seres humanos foram adaptados para uma nova concepção de desfrute dos objetos e espiritualidades de prateleira, dentro do gigantesco vazio da lógica do consumo. Na sociedade de consumo tudo se transforma em mercadoria. Todo o discurso sobre as necessidades está assentado numa ingênua antropologia de propensão natural à felicidade<sup>99</sup>.

Esta busca incessante pela felicidade constitui a base absoluta da sociedade de consumo, segundo Baudrillard: esta busca contínua é projetada pelas possibilidades de satisfação por objetos e por mecanismos de salvação da civilização moderna. Baudrillard disserta sobre esses fundamentos, incitando a necessidade de uma medida para algumas variáveis, uma real averiguação da eficiência desse modelo que resultaria em uma efetiva mensurabilidade da felicidade. Da mesma forma que Marcuse, ele tece as medidas de bem-estar alienante proporcionadas por objetos e signos de conforto, onde a felicidade seria apenas gerada como efeito, e onde a fruição

---

<sup>97</sup> Ibidem, p.166.

<sup>98</sup> LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.26.

<sup>99</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.47.

total e interior (fundamentada por uma busca individual em detrimento do coletivo) intensificaria a “igualização de todos os destinos”<sup>100</sup>.

A economia de mercado ganhou. Mas, sem concorrentes, ela é totalmente incapaz nos problemas das desigualdades, do desemprego e do Terceiro Mundo, ou seja, quatro quintos da humanidade<sup>101</sup>. Por outro lado, observam-se os movimentos para o desenvolvimento de ferramentas que possibilitam a manutenção de um padrão de vida administrado em eminente busca pela felicidade e a ausência e concorrência.

A dependência da requalificação constante dos modelos de produção, e da expansão intensa da produtividade para gerar novos produtos e serviços necessários para a manutenção do bem-estar, se intensifica. Seus mecanismos de administração são capitaneados de forma a confirmar todo o processo como um ciclo que se encerra calmamente em si mesmo: nenhuma outra sociedade jamais conseguiu satisfazer as necessidades do ser humano como essa<sup>102</sup>.

Como resultado de uma razão que se preocupa com “o domínio cognitivo da realidade, de tal modo a propiciar a elaboração de tecnologias de controle de processos naturais”<sup>103</sup> temos a formação de uma *razão instrumental*, onde o pensamento volta-se apenas para todos os movimentos necessários para criação de riquezas. Tem-se

---

<sup>100</sup> Ibidem, p.47.

<sup>101</sup> RICOUER, P. *O único e o singular*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002, p.60.

<sup>102</sup> “Do mesmo modo que Narciso apaixonou-se por sua própria imagem numa lagoa, os indivíduos do capitalismo contemporâneo também precisam de um espelho que possam recobrar o amor à sua imagem, tão comprometida pelo esforço de continuar a gerar valores financeiros. É por causa disso que Adorno diz que a cultura de massa como um todo *narcisista*, pois ela vende a seus consumidores a satisfação *manipulada* de se sentirem representados nas telas de cinema e da televisão, nas músicas e nos vários espetáculos. Todos os heróis da indústria cultural são sempre pensados para refletir algo do que as pessoas já percebem em si mesmas, só que engrandecido pela elaboração dos meios técnicos cada vez mais refinados da indústria da diversão”. Cf. FREITAS. V. *Adorno e a Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003, p18-19.

<sup>103</sup> FREITAS. V. *Adorno e a Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed., 2003, p.15.

aqui um processo de separação do pensamento, um processo que distancia o homem de possíveis finalidades sociais e interações de bem comum.

Como herança da revolução burguesa ou de toda a revolução que erige em princípio de igualdade dos homens sem poder, o princípio democrático se transfere a uma igualdade real<sup>104</sup>, onde para Baudrillard esta é democracia da TV, do automóvel; uma democracia aparentemente concreta, mas também formal, que esquece as contradições e as desigualdades sociais.

Ela se sustenta, porém, pela democracia formal descrita na constituição, mascara a democracia ausente e a igualdade universal impossível de se achar. Onde as capacidades individuais, responsabilidades e possibilidades são caracterizadas como evidente êxito social e da felicidade. A tese implícita seria que:

Perante as necessidades e os princípios de satisfação, todos os homens são iguais diante do *valor de uso* dos objetos e dos bens (se bem que sejam desiguais e se encontrem divididos em relação ao valor de troca). Porque a felicidade se cataloga pelo valor de uso, obtém-se uma relação de utilidade objetiva ou de finalidade natural, em cuja presença deixa de haver desigualdade social ou histórica. Ao nível do valor de uso, não existe proletário nem privilegiado<sup>105</sup>.

Os idealistas da sociedade afluentes afirmam que a pobreza é residual e acabará sendo eliminada pelo crescimento econômico, onde crescimento significaria abundância, e abundância geraria inclusão. O crescimento, porém, produz e reproduz desigualdade social e desequilíbrios que não são eliminados pela lógica da afluência, de que quando mais se é produzido, maior será a disponibilidade para a

---

<sup>104</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.48.

<sup>105</sup> *Ibidem*, p.48.

sociedade. O nível de distorção da análise de crescimento (como medidas de produto interno bruto e crescimento absoluto) olvida a análise das estruturas em si, eliminando desigualdades intrínsecas dentro de uma representação de afluência.

No plano sociológico não existe equilíbrio: toda sociedade origina a diferenciação e a discriminação social, e essa organização estrutural se assenta nos processos de distribuição de riquezas. O crescimento econômico não modifica essa lógica, o sistema capitalista, ao contrário, aumenta o desnivelamento e o generaliza em todos os níveis da estrutura. O crescimento em si é função da desigualdade, já que a autonomia interna do crescimento é fraca e posterior em relação à determinada pela estrutura social<sup>106</sup>. Na sociedade de consumo resultante do compromisso entre os princípios de igualdade e a manutenção da ordem e do domínio, os critérios de valor residem: o dinheiro possibilita o privilégio hierárquico, de poder e de cultura. Os objetos representam símbolos que nunca são consumidos em si, mas são manipulados como signos, separando o indivíduo em grupos, dando uma referência demarcada entre diferentes estatutos.

O universo da técnica acumula disfunções de comportamento. O individualismo, segundo Lipovetski “hiperindividualismo”, persegue a maximização de ganhos, seja qual for a esfera da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política), e também a desestruturação de antigas formas de regulação social de comportamentos, mesmo que tragam consigo uma grande quantidade de patologias, de distúrbios e de excessos comportamentais: ao mesmo tempo que ordena, desordena; ao mesmo tempo que torna independente e faz depender<sup>107</sup>.

Por outro lado, o crescimento é também sustentado pela constante introdução de novos produtos, com diferentes qualidades e específicas simbologias,

---

<sup>106</sup> Ibidem, p.52.

<sup>107</sup> LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.56.

que são apresentadas como resultado de um crescimento estrutural e de um cenário apresentado como um melhoramento progressivo do bem-estar. A lógica do desenvolvimento e as possibilidades, provenientes da tendência crescente de rendimentos, trazem, implicitamente, a lógica do mais desejo, do aumento do consumo para a satisfação individual. Baudrillard vê o campo do consumo como um *campo social estruturado* em que os bens e as próprias necessidades, como também os diversos indícios de cultura, transitam de um grupo modelo e de uma *elite* diretora para outras categorias sociais, em conformidade com seu ritmo de produção relativa<sup>108</sup>. Para ele não existiria uma massa de consumidores, e nenhuma necessidade emerge espontaneamente do consumidor de base: ao mesmo tempo, o crescimento econômico produz bens e necessidades.

Baudrillard correlaciona o crescimento do desequilíbrio, da intensificação de necessidades e o aumento da produtividade com a pauperização psicológica e o estado de crise latente e crônica<sup>109</sup>. Esse enfraquecimento e a tensão causada pelo estado de penúria e as necessidades concorrenciais permanentes e produção definem que a sociedade do crescimento como o oposto da sociedade da abundância. No sistema, não há espaço para finalidades individuais, apenas as finalidades do sistema: o culto da espontaneidade individual e da naturalidade das necessidades está carregado com a opção produtivista.

O sistema industrial baliza seu crescimento e perpetua suas necessidades pelo projeto de ferramentas de maximização de suas possibilidades e manutenção de seu estatuto. As forças produtivas são utilizadas em sua plenitude, pressionadas por uma reserva de desemprego que as colocaria fora da estrutura e impediria a procura social de prestígio, retardando suas motivações profundas e concorrentes (como os vizinhos, que são sempre convocados ao referencial de comparação).

---

<sup>108</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.61.

<sup>109</sup> *Ibidem*, p.64.

A dependência de algo exterior à pessoa, como a constante comparação ao outro, produz uma segurança precária. Assim como os materiais, as propriedades e as posições também são precárias, é comum que, quando estes elementos são perdidos, além de status, são perdidos amigos, e a qualquer momento, cedo ou tarde, acaba-se também perdendo a vida: se sou o que tenho e se o que tenho se perde, quem então sou eu?<sup>110</sup>

Todas as sociedades desperdiçaram, dilapidaram, gastaram e consumiram sempre o estrito necessário. Os procedimentos utilizados para confecção das possibilidades de consumo pode encaminhar à consumição, à destruição pura e simples, que assume, então, uma função social específica. A noção de utilidade tem que rever-se, segundo uma lógica social muito mais geral, em que o desperdício, longe de figurar como resíduo irracional recebe uma função positiva, substituindo a utilidade racional numa funcionalidade social superior e se revela, no limite, como a função essencial – tornando-se o aumento da despesa, o supérfluo, a inutilidade ritual do “gasto para o nada”, o lugar de produção de valores, das diferenças e do sentido, tanto no plano individual como social.

### **3.2 O Sistema de Objetos**

O desaparecimento da realidade através do sistema de objetos é o ponto culminante do pensamento baudrillardiano: com a transformação do objeto em representação simbólica, a lógica econômica navega sem direção<sup>111</sup>.

---

<sup>110</sup> FROMM, E. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987, p.115.

<sup>111</sup> RUIZ, M.N. *El Cementerio de las ilusiones*. Ciências Sociais UNISINOS, vol.43, n.02 (maio/agosto 2007) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001, p.181.

O sujeito somente pode desejar, só o objeto pode seduzir<sup>112</sup>. Fundando na necessidade, na acumulação e no cálculo em que o supérfluo precede o necessário, em que a despesa precede o valor e a acumulação a apropriação, perfila-se uma definição do “consumo” como consumição, isto é, como desperdício produtivo – perspectiva inversa do econômico<sup>113</sup>.

A sociedade de consumo precisa de seus objetos para existir, e sente, sobretudo, necessidade de destruí-los ou renová-los. O valor criado reveste-se de maior intensidade no desperdício violento e, por tal motivo, a destruição permanece como a alternativa fundamental da produção<sup>114</sup>: o consumo não passa de termo intermediário entre as duas. No consumo, existe a tendência profunda para se ultrapassar, para se transfigurar na destruição. Só assim adquire sentido. Na cotidianidade atual, quase sempre permanece subordinado, como consumptibilidade dirigida, à ordem da produtividade. De qualquer maneira, é evidente que a destruição, quer sob a forma violenta e simbólica, quer sobre a forma de destrutibilidade, é uma das funções preponderantes na sociedade pós-industrial.

Baudrillard classifica o objeto como um tipo de senha, que por excelência permite o entendimento de que um objeto diz ao outro, qual sistema de signos ele pertence e qual seria a sua sintaxe. Remetem para um mundo menos real do que poderia fazer crer a aparente onipotência do consumo e do lucro. Para ele, neste mundo de signos, os objetos escapam rapidamente do seu valor de uso para estabelecer entre eles um jogo, para se corresponder<sup>115</sup>.

---

<sup>112</sup> BAUDRILLARD J. *Las Estrategias Fatales*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1984, p. 121.

<sup>113</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.39

<sup>114</sup> “A técnica, outrora elemento vital de criação, mostra sua face como a deusa da destruição à qual os homens e as mulheres estão dispostos a sacrificar-se e aos seus filhos. Embora agasalhando a esperança de um futuro melhor conscientemente, a humanidade cibernética reprime o fato de que se tornou adorada da deusa da destruição”. Cf. FROMM, E. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987, p.152.

<sup>115</sup> BAUDRILLARD, J. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001, p. 9-10.

As massas não teriam e não podem ser liberadas da manipulação do objeto, já que toda a força do objeto consiste em tornar ausente o desejo, opondo-se à qualquer inconstância política de fazê-los falar<sup>116</sup>. O objeto crê no seu próprio desejo e vive de sua própria ilusão do desejo, não crê que nada lhe pertença e não cultiva nenhuma reapropriação de autonomia, não está dividido em si mesmo e não conhece o estado de espelho que lhe faria confundir-se com seu próprio imaginário<sup>117</sup>.

Os objetos se evadem, se ausentam – o que neles permanecem de “inquietante estranheza”. Todo o modelo de trocas, da qual é suporte, permanece inesgotável. É mediador, mas ao mesmo tempo, como ele é imediato, imanente, ele quebra esta mediação. Ele está sobre duas vertentes: preenche e decepciona simultaneamente.

Não há redenção do objeto, em algum lugar permanece um “resto”, do qual o sujeito não consegue se apossar; ele acredita poder encontrar para isso um paliativo com a profusão, a acumulação – o que não faz mais que multiplicar os obstáculos à relação. Em um primeiro momento, nos comunicamos por meio de objetos, depois a proliferação bloqueia esta comunicação. O objeto tem um papel dramático; é um ator com papel principal, no sentido de que ele inutiliza a expectativa de uma simples funcionalidade. E é por isso que ele me interessa.<sup>118</sup>

Quando alguma coisa chega ao fim, é porque ela verdadeiramente se deu; ao passo que, se não há mais fim, entra-se em uma série de processos intermináveis. Hoje, já nos deparamos com o desenvolvimento interminável e desmedido da produção material<sup>119</sup>. O valor do uso e o valor da troca dos objetos – e a dialética que se instaura entre ambos – participam de uma construção racional, que estabelece como postulado a possibilidade de equilibrar o valor e de atribuir um equivalente geral capaz de esgotar as significações e dar conta de uma troca. Da mesma forma como poderia equilibrar e controlar o fluxo ininterrupto de transformação material.

---

<sup>116</sup> BAUDRILLARD J. *Las Estrategias Fatales*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1984, p.100.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p.124.

<sup>118</sup> *Ibidem*, p.11-12.

<sup>119</sup> *Ibidem*, p.54.

Trabalha-se para sua obra antes que para si mesmo. A contribuição do trabalho se dá a objetos cujo aspecto final não se tem noção. O que chama atenção é o abismo que separa as sensações corporais, prazer ou dor, desejos e satisfações, sensações privadas que não podem ser verbalizadas no mundo exterior. Para o papel que a fabricação desempenha na vida ativa, é muito importante que modelo que precede o processo de fabricação se estabeleça de forma a se manter depois que o produto esteja terminado estando assim disponível para a infinita continuação de fabricação<sup>120</sup>.

Esta produção desmedida centraliza populações e regiões em suas práticas criando movimentos de aculturação e veredito social que perfaz um novo tipo de trabalho. As pessoas procuram e selecionam seus objetos como respostas às suas perguntas, ou, até mesmo, enxergam a si próprios, em resposta as dirigida ao que os objetos podem constituir<sup>121</sup>. As pessoas desaparecem em aglomerações de consumo e os objetos perdem a sua realidade específica e o que o torna preponderante é a sua disposição social e espetacular<sup>122</sup>.

Assistimos a uma dessublimação repressiva das forças produtivas, já sinalizado por Marcuse, que escraviza algo mais profundo e radical: nossos códigos de classificação, comunicação, significação e diferenciação<sup>123</sup>. Se aponta menos a extorsão da mão de obra do que a imposição de um código que estabelece a estratégia atual de dominação social. Em Marcuse, a extensão do entendimento do conceito de trabalho é crucial para o entendimento da sua visão do sujeito e dos objetos<sup>124</sup>. Para ele, a vida é

---

<sup>120</sup> ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, p.175-176.

<sup>121</sup> BAUDRILLARD, J. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991, p.97.

<sup>122</sup> Baudrillard utiliza a ideia de hipermercado como um armazém moderno onde o sistema de trânsito e habitacional é formatado ao seu redor, tornando-se o núcleo que estabelece, inclusive, a ordem de movimentação da aglomeração.

<sup>123</sup> BAYCE, R. *Jean Baudrillard: incompreendido, fermental, audaz*. Ciências Sociais UNISINOS, vol.43, n.02 (maio/agosto 2007) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001, p. 170.

<sup>124</sup> GANDESHA, S. *Marcuse, Habermas and Technology* in ABROMEIT, J.(org) e COOB, W.M (org). *Herbert Marcuse: A critical reader*. New York: Routledge, 2004, p.198.

menos conhecimento e mais atividade, e o trabalho é a atividade que traz o mundo a sua forma literal<sup>125</sup>.

### **3.3 O medo como ferramenta de administração do trabalho e consumo**

Já está em andamento um esgotamento das organizações do emprego. Mesmo que estes não desapareçam totalmente, não é tão distante percebemos que estes ficarão reduzidos a pequenos núcleos, que organizaram o sistema em todas as suas especificidades, distribuições geográficas e estratégias de inserção. Haverá vagas para pessoas com habilitações especiais que a tecnologia ainda não alcançou. A minimização dos custos de produção pelo desenvolvimento tecnológico, fundamental, variável para a manutenção da competitividade, acelera este fenômeno, que possibilita que algumas pessoas ganhem muito dinheiro sem empregar muitas pessoas.

Também, para estes profissionais o cenário deverá ser adaptado definitivamente à evolução do modelo econômico, que demandará novas relações trabalhistas e flexibilização das forças de trabalho. Manuel Castells esclarece que o modelo tradicional de trabalho, baseado em tempo integral alocado, contratos formais de ocupação e projetos de carreiras dentro do mesmo emprego está esgotado. Também observa um incremento da flexibilização e do individualismo destes profissionais e, para estes, avalia quatro dimensões de abrangência do novo comportamento, onde: o tempo de trabalho diário terá uma configuração diferente dos padrões atuais, tornando-se mais flexível; a estabilidade do emprego, cada vez menor, encontra em contrapartida uma menor fidelidade dos profissionais com relação à própria empresa de atuação; as pessoas irão se movimentar

---

<sup>125</sup> FEENBERG, A. *Heidegger and Marcuse: The catastrophe and redemption of history*. New York: Routledge, 2005, p.62.

mais dentro do próprio trabalho (inclusive funções dentro da mesma empresa, em diferentes países) e diferentes relações sociais entre o empregado e o empregador<sup>126</sup>.

A individualização do trabalho está diretamente relacionada com a nova flexibilidade do trabalho, mas experimentada de forma diferente. Com a descentralização dos processos de produção, diferentes pessoas envolvidas em diferentes estágios se tornaram desconectadas uma das outras. Em um novo modelo global de produção o gerenciamento gerará recorrentes integrações e desintegrações das forças de trabalho<sup>127</sup>.

Em todos os momentos, os resultados atingidos pelo trabalho humano solidificam a sua existência no mundo objetivo, proporcionando objetos para sua utilização, fruição, ostentação, consumo e descarte. A participação ativa dos homens, dentro de organizações, possibilitam construções simbólicas que determinam o seu afastamento do encontro com a sua própria mortalidade. Neste momento, junto com outros entes, criamos uma cultura de normas, signos, crenças e práticas sociais que nos remetem para algo mais duradouro do que a nossa própria existência. Criamos um mundo que pode ser percebido como real e objetivo, reafirmando a natureza real e concreta da nossa própria existência. Grande parte da nossa vida cotidiana é vivida dentro de uma realidade artificial criada através destas culturas o que nos possibilita uma negação do medo de nossa própria transitoriedade<sup>128</sup>.

Marcuse explica que esse defrontamento subordina o homem ao seu mundo e confere realidade objetiva à historicidade do próprio trabalhador. É no trabalho que o homem histórico se torna efetivo e permanece já que o trabalho enquanto tal não é

---

<sup>126</sup> STALDER, F. *Manuel Castells: Key contemporary thinkers*. Cambridge: Polity Press, 2006, p.62.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p.62

<sup>128</sup> MORGAN, G. *Imagens da Organização*. São Paulo: Atlas, 1996, p.219.

finalidade em si mesmo: é negativo por ser orientado para algo que não existe. A conclusão do trabalho é a efetivação da sua plenitude<sup>129</sup>.

Com esta visão, talvez o medo seja, realmente, a ferramenta mais eficaz de administração da sociedade de consumo e das possibilidades da efetivação humana através do trabalho. Marcuse alinha sua visão dos efeitos gerados pelas possibilidades à postura alienante da sociedade industrial repressiva, que não deixa aos envolvidos nenhuma saída, ou, até mesmo, recursos para o encontro de alguma alternativa. Segundo ele, o medo está instalado em nossa sociedade, que é tipicamente beligerante, uma insegurança ontológica. O medo irá existir mesmo que nenhum evento esteja previsto no horizonte.

Este estado funciona não somente como um complemento aos mecanismos de controle e administração do bem-estar da sociedade de consumo, mas também como artífice do mecanismo de exclusão: seus efeitos são avassaladores, a possibilidade da perda do emprego, automaticamente, exclui o ser humano desta sociedade.

Hoje, os indivíduos estão cada vez mais frágeis, o culto ao desempenho os destrói e as grandes instituições sociais não fornecem sólida armadura estruturante<sup>130</sup>. Ao mesmo tempo em que o bem-estar material aumenta, o indivíduo perde em desconcentração o que ganha em rapidez operacional, em conforto e em extensão do tempo de vida. As novas configurações e a flexibilização do trabalho forçam o indivíduo a uma adaptação, até então, inédita, mas que se estabelece lentamente com o avanço tecnológico industrial: se o homem se consolida simbolicamente, e se torna pleno no trabalho, como se comportará este mesmo indivíduo em uma sociedade com escassez absoluta de trabalho?

---

<sup>129</sup> MARCUSE, H.. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1998, p.31.

<sup>130</sup> LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004, p.123.

As explicações teóricas clássicas, sobre os efeitos da perda do emprego no indivíduo, podem ser divididas em duas hipóteses básicas. A primeira é baseada no trabalho de Marie Jahoda que defende a chamada “hipótese de privação”. Jahoda sustenta que, estar empregado produz uma série de consequências, algumas das quais são deliberadas (que chamou de manifestas) e outras são involuntárias (que denominou de “latentes”). As manifestas são relacionadas à obtenção de meios de vida, de carreira, etc. Entre as latentes, estariam: a imposição de uma estrutura de tempo; experiência compartilhada, além do ambiente familiar; ligação com objetivos e propósitos que transcendem a si mesmo; definição de aspectos de status e identidade; e imposição de atividade. Para Jahoda, tais consequências seriam funções que atendem às necessidades humanas duradouras e essenciais.

Quando alguém é demitido, vê-se privado dessas funções, e, portanto, tais necessidades não são satisfeitas; é isso que para ela torna a perda do emprego tão desastrosa na sociedade moderna. Segundo a autora, se uma pessoa desempregada consegue permanecer psicologicamente saudável, é provável que esteja obtendo satisfação de suas necessidades elementares de outra instituição social. Uma segunda tese clássica é a de que os efeitos produzem-se em etapas ou ciclos progressivamente dirigidos à desesperança e ao fatalismo. Os teóricos dessa corrente defendem que as fases são razoavelmente previsíveis, passando por choque, otimismo, pessimismo, e culminavam no fatalismo e ajuste a situação<sup>131</sup>.

O desemprego mudou de sentido e já não é uma estratégia do capital, já não é um fator crítico no jogo das relações sociais, senão como cota de alerta que já foi ultrapassada há muito. Baudrillard observa o desemprego como um satélite artificial, um satélite de inércia, massa carregada de eletricidade nem mesmo negativa, eletricidade

---

<sup>131</sup> CALDAS, M.P. *Demissão: Causas, Efeitos e Alternativas para a Empresa e Indivíduo*. São Paulo: Atlas, 2000, p. 198-199.

estática, uma fração cada vez maior da sociedade que congela<sup>132</sup>. Segundo ele o trabalho passou de força antagonista do capital ao simples estatuto do emprego, de um bem que é raro ou de um serviço como os outros.

A estruturação da permanência de uma cultura do medo parte de um paradoxo latente: todas as instituições criadas com a intuição de controlar o medo produzem exatamente o seu descontrole. A ansiedade que flutua em todos os atores envolvidos é reforçada por incertezas fabricadas e reforçadas por obsolescências planejadas, tanto de produtos, já que estas são o resultado natural do avanço tecnológico e da necessidade de contínua oferta de novos produtos e serviços; quando das pessoas que podem ser substituídas com plena facilidade, principalmente, devido à padronização dos processos, já que os produtos manufaturados já não dependem totalmente do fator humano envolvido.

Talvez, ainda mais grave que os prejuízos culturais causados pelos efeitos da racionalização técnica e da produção em massa, Baudrillard salienta que estamos diante de uma obsolescência dos homens, devido ao custo do progresso rápido<sup>133</sup>. Segundo ele, esse acontecimento gerou uma obsessão geral pela insegurança, uma pressão psicológica e social da mobilidade, do estatuto, da concorrência em todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura, etc.), tornando-se cada vez mais pesado a todos.

Segundo ele, necessita-se de mais tempo para se recriar e reciclar, para recuperar e compensar o desgaste psicológico e nervoso causado pelos múltiplos danos: trajeto domicílio-trabalho, superpopulação, agressões, e estresse contínuos. Em última análise, o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra.

---

<sup>132</sup> BAUDRILLARD, J. *A Transparência do Mal* – Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papirus, 1992, p.40.

<sup>133</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.35.

A relação entre as pessoas, ao se inserirem nesse sistema, é caracterizada primordialmente pela lei da troca, pois todas as coisas podem ser avaliadas por sua relação numérica e pela capacidade de substituir a outra. No trabalho capitalista, o que vale é, mais propriamente, a força de trabalho genérica, medida pelo tempo gasto na fábrica, no escritório, no banco, e que abstrai das características específicas de cada indivíduo, fazendo com que virtualmente todos possam ser substituídos por qualquer outro, desde que exerça a mesma função<sup>134</sup>.

A tecnologia desenvolvida possibilita uma automatização das operações fabris, ocorrendo aqui uma reclassificação das competências necessárias para perpetuação do sistema. Assim, tarefas administrativas passam a ter vital importância, e esta camada da sociedade industrial também é afetada pelas perdas de possibilidades de autodeterminação. As condições de trabalho, numa sociedade industrial adiantada, tendem a tornar passivo o trabalhador.

O ritmo de produção numa indústria semi-automatizada, a natureza do trabalho especializado, o aumento proporcional dos trabalhadores de escritório, tudo isso destrói qualquer consciência de estar-se em oposição ao sistema do trabalho. Fazem-no, sobretudo, as instituições do Estado do bem-estar que, por meio de um padrão de vida administrado, domina as vidas dos seus beneficiários. Marcuse diz que isto é assim, porque incrementar o consumo equivale fatalmente a enfraquecer quaisquer impulsos no sentido da autodeterminação<sup>135</sup>.

Não existe controle sobre a velocidade do desenvolvimento e oferta contínua que exponencialmente aumenta a desigualdade global. Tornamos-nos

---

<sup>134</sup> FREITAS, V. *Adorno e a Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed., 2003, p.16

<sup>135</sup> MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.77.

dependentes de todos os sistemas complexos que nos rodeiam, sistemas com objetivos de maximização de lucros e super-utilização de recursos sem qualquer preocupação de manutenção da vida.

O progresso industrial não tem valor senão sob a *condição* de não atentar de um modo permanente contra os valores vitais; a manutenção da saúde, da raça e sua “nobreza”, possui em si, independentemente de todo rendimento útil e merece preferência mesmo que para isso seja preciso pagar o preço da diminuição da velocidade do avanço do desenvolvimento industrial; é necessário sustentar e proteger a família e a nação, mesmo se isto implicar certamente numa diminuição do avanço do progresso industrial e da expansão da civilização; os grupos, nos quais se decompõe o povo, ganham um favor e um privilégio na distribuição dos bens e das honras, não segundo a medida das contribuições que eles trazem para a produção de artefatos úteis ou para a diversão, senão em primeira linha segundo sua *significação histórica e vitalmente valorosas*<sup>136</sup>.

O rigor com que os dominadores impediram, no curso dos séculos a seus próprios descendentes bem como às massas dominadas, a recaída em modos de vida é a própria condição da civilização. O senso de realidade, a adaptação ao poder, não é mais resultado de um processo dialético entre sujeito e realidade, mas é imediatamente produzido pela engrenagem da indústria. O processo é um processo de liquidação em vez de superação, é um processo de negação formal, em vez de negação determinada<sup>137</sup>.

O modelo é aperfeiçoado com sofisticadas ferramentas de controle e de mínima aparência aos envolvidos, que não visualizam sua finalidade e, com isso,

---

<sup>136</sup> SCHELER, M. *Da reviravolta dos Valores*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994, p 184.

<sup>137</sup> ADORNO, T. e HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p.99.

contribuem decisivamente para um tipo de mecanização ética<sup>138</sup>. A burocracia exige *conformidade à norma* e não uma *avaliação moral*. Com efeito, a moralidade do funcionário foi redefinida como a obediência à norma e a presteza em concluir um trabalho bem-feito, não importando a natureza do trabalho exigido nem seu impacto sobre as pessoas situadas na extremidade receptora da ação burocrática.

Já que o fim é a empresa, foram extintos movimentos sindicais relevantes, que não somente não fazem mais sentido, como os envolvidos são negligenciados pelo próprio grupo que representam. Por outro lado, o desenvolvimento das pessoas defendidas pelo movimento sindical acarretaria na própria obsolescência do movimento, gerando, então, um anacronismo de causa e sentido. Não são vistas alternativas de organização diferentes daquelas visualizadas através das inserções sociais, possibilitadas pelo trabalho e sociedade de consumo.

O homem sucumbe, a esta força, indefeso, é profundamente invadido e lentamente corroído sem nenhum tipo de reação. Estes movimentos também fazem parte de um manancial de ideias de significação moral que objetiva a mistura dos interesses pessoais com os da organização, com pretensões de bem-estar comum e de crescimento a todos os beneficiados pela ação da organização. Não é a moralidade e o sistema positivo de valores de uma sociedade que a faz progredir, mas sim sua imoralidade e seu vício<sup>139</sup>. Na verdade, as pessoas trazem, no fundo de suas mentes, um medo aterrorizante da ruína, já que estão empenhados na busca frenética de uma segurança que deve ser alcançada mantendo-se sob sujeição dos inimigos potenciais<sup>140</sup>.

---

<sup>138</sup> BAUMAN, Z. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008, p.115.

<sup>139</sup> BAUDRILLARD, J. *Las Estrategias Fatales*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1984, p.76

<sup>140</sup> RUSSELL, B. *No que acredito*. Porto Alegre: LP&M, 2007, p.86.

### 3.4 Todos os homens são realmente iguais diante do tempo e da morte?

O tempo ocupa um lugar especial dentro da análise da sociedade de consumo e da produção necessária para seu estabelecimento. Da mesma forma que Marcuse, Baudrillard salienta que o tempo residual disponibilizado para o lazer, para a reflexão e conseqüente emancipação, é apresentado pela sociedade de consumo como um drama, já que se depara com a impossibilidade da perda de tempo.

O adágio que nomeia este capítulo é um mito. O lazer que, a priori, constituiria a liberdade e a cultura de signos, dentro da sociedade de consumo, que nomeia e privilegia, de acordo com a colocação e importância pessoal na estrutura desta sociedade, distingue substancialmente a dimensão do tempo e transcende uma possível igualdade. Se, por um lado, o tempo está naturalmente disponível a todos, por outro, se encontra alienado e escravizado no trabalho, ou seja, este tempo não existiria.

Categoricamente Marcuse e Baudrillard convergem nesta dimensão, onde o tempo estaria fundamentalmente submetido ao sistema de produção tornando-se, ele mesmo, um produto, participando em igualdade dos outros bens subsidiados pelo modelo como a propriedade privada, por exemplo. Mesmo estando a espera de cada qual, o tempo “poderia ser apenas produto de determinada cultura e, mais precisamente, de certo modo de produção”<sup>141</sup>, porém, assim como valor de uso, possui valor de troca.

---

<sup>141</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.161.

Restituir ao tempo seu valor de uso é, segundo Baudrillard, uma libertação como dimensão vazia para o acúmulo da liberdade individual, já que no nosso sistema, o tempo só pode ser libertado como objeto cronometrado (anos, horas, semanas) para qualquer tipo de investimento. Porém, até mesmo esta cronometria não é totalmente livre, já que se encontra totalmente absorvida como um elemento regulado pelo sistema de produção.

Esta situação está, então, aprisionada a esta contradição insolúvel. O não trabalho, e conseqüentemente a não produção, seria um movimento de geração de tempo. Assim, como para cada minuto de tempo livre, como para cada objeto consumido, o homem preconiza o julgamento da realização, ou não, de seu desejo. Porém, para Baudrillard, neste momento, o desejo já é ausente de qualquer modalidade de consumo e qualquer satisfação resultante.

A sua esperança violenta de liberdade dá testemunho do poder do sistema de constrangimentos que em nenhum lado é tão total quanto tão total como ao nível do tempo. “Quando falo do tempo é porque ele já não existe” – dizia Apollinaire. Também se pode dizer do lazer: “Quando se “tem” tempo é porque já não é livre”. E a contradição não reside nos termos, mas no fundo. Tal é o paradoxo trágico do consumo<sup>142</sup>.

As relações do tempo e consumo implicam diretamente e apenas em uma análise do nosso tempo, já que em sociedades primitivas as questões que envolvem esta dimensão carecem de sentido, sem o constrangimento e de natureza simbólica irrefutável, não se isolando por nenhum modelo de abstração. É no nosso tempo que as relações da sociedade de consumo se desenvolveram, é no nosso tempo que a práxis humana é o trabalho para o consumo.

---

<sup>142</sup> Ibidem, p.161.

Marcuse localiza oposições dentro dos movimentos do trabalho determinadas dentro de qualquer comunidade fundada e erigida socioeconomicamente, nos conflitos onde o partido derrotado se subordina à sua dominação do vitorioso<sup>143</sup>; Baudrillard localiza a submissão do tempo e de seu valor de uso dentro do mesmo conflito, já que o derrotado se entrega ao movimento de recuperação do tempo por ações de compra e troca.

A assimilação das necessidades e aspirações, no padrão de vida e nas atividades das horas de lazer, se deriva, segundo Marcuse, de uma integração na própria fábrica, no processo material de produção. É certamente discutível poder-se falar de “integração voluntária” em outro sentido que não irônico<sup>144</sup>. Os resultados dos movimentos da sociedade de consumo criam os produtos que podem gerar o tempo livre e, ao mesmo tempo, reverter no redimensionamento de novas demandas.

Os produtos produzidos podem ser caracterizados como uma cristalização do tempo, porém, com um objetivo secundário fundamental na análise deste sistema e deste círculo de criação: alguns destes produtos aperfeiçoam rotinas e processos que envolvem o ser humano no seu dia a dia (sejam eles fabris, domésticos, logísticos, locomoção) gerando automaticamente tempo livre, que se pagam exatamente em razão disso, já que o tempo livre gerado pode ser utilizado por aquele que o usufrui na pesquisa de novos produtos que futuramente irá consumir (sendo que neste momento a necessidade prevista está dissociada da real necessidade de consumo).

O tempo, então, aparece como uma verdadeira força produtiva, imobilizando, até mesmo, o próprio lazer, ou seja, este movimento não é percebido pelos atores envolvidos e constringidos pela apropriação do tempo livre disponibilizado. O mito

---

<sup>143</sup> MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.41.

<sup>144</sup> MARCUSE, H. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.47.

do desdobramento do tempo e do trabalho inaugura a esfera transcendente de liberdade<sup>145</sup>, onde o mecanismo funcional e sistemático é aprimorado em normas, eventos e conteúdos (jornadas de trabalho, horas extras, férias, folgas, descansos programados, estações).

Christophe Dejours, da mesma forma que Baudrillard e Marcuse, acusa que o tempo fora do trabalho não traz as vantagens esperadas, se levado em consideração o custo financeiro das atividades fora do trabalho (esporte, cultura e formação profissional) e do tempo absorvido pelas atividades inelásticas (tarefas domésticas, deslocamentos), poucos são os trabalhadores que podem organizar seu tempo de acordo com seus desejos. O tempo fora do trabalho não seria nem livre nem virgem, o tempo do trabalho e o tempo fora do trabalho formariam um continuum, integrados por uma estratégia destinada a manter eficazmente a repressão dos comportamentos espontâneos que marcariam uma brecha no condicionamento produtivo<sup>146</sup>.

Em Marcuse, entendemos que o homem apenas será libertado da coisificação e alienação, voltando-se efetivamente para sua historicidade através da superação dos elementos que compõem a divisão socioeconômica, quando os movimentos que resultam na efetivação do trabalho não sejam gerados necessidades exteriores<sup>147</sup>. O niilismo de Baudrillard determina que a problemática da alienação é profunda quando é considerada a análise da utilização do tempo e do lazer, já que este lazer não diz respeito à direta subordinação ao tempo de trabalho, mas “encontra-se ligado à própria impossibilidade de perder o seu tempo”<sup>148</sup>.

Assim como o objetivo dos objetos é a própria consumação (o uso dos produtos gera o seu desgaste e perda, sendo este acelerado pelo processo de obsolescência acelerada e programada), o uso do tempo também é a própria consumação.

---

<sup>145</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.163.

<sup>146</sup> DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992, p.45-47.

<sup>147</sup> MARCUSE, Herbert. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998, p.45.

<sup>148</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.163.

Vivemos no momento em que o homem jamais conseguirá perder tempo suficiente para transpor a luta em vida de ganhá-lo. E como resultante, o tempo do consumo sempre será o da produção, e se mostra desta forma já que se reduz a um simples parêntese “evasivo” no ciclo da produção, tornando o lazer forçado, já que, em aparente gratuidade, reproduz todos os constrangimentos mentais e práticos do tempo produtivo e da quotidianidade escravizada<sup>149</sup>.

A análise de Baudrillard sobre os paradoxos da sociedade de consumo apresenta uma reflexão que, se ao mesmo tempo sistematiza o fazer do lazer como uma característica do trabalho alienado, nos apresenta uma dicotomia fundamental para o entendimento do sistema que constitui a integração dos elementos, trabalho, tempo e consumo: o próprio trabalho como objeto de consumo. A satisfação neurótica gerada pelos elementos que perfazem o sistema de reconhecimento pelo trabalho (como a remuneração e o poder), indicam que em muitas vezes, o aumento das atividades e conseqüentemente o acúmulo de funções, denotariam prestígio aos atores afetados.

Para Baudrillard, a publicidade, a moda e o jogo, aniquilam as energias morais e liberam energias imorais que alimentam alegremente o signo das coisas, desafiando a sua verdade. A energia imoral rompe o sentido que recorre às representações e os valores recebidos e eletriza as sociedades bloqueadas<sup>150</sup>. A perfeita integração do sistema de consumo e produção inviabiliza a disponibilidade do tempo, apenas as imagens que nos são passadas repercutem a indicação de sua existência. Imagens que classificam o tempo do lazer como um tempo social, assim como tempo do trabalho seria o tempo econômico, quando na realidade o que existe é um modelo de permuta: a ausência do tempo de trabalho e da sua projeção cronométrica.

---

<sup>149</sup> Ibidem, p.164.

<sup>150</sup> BAUDRILLARD J. *Las Estrategias Fatales*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1984, p.78.

### 3.5 A Fadiga Endêmica como efeito da Sociedade de Consumo

A fadiga, enquanto síndrome coletiva da sociedade pós-industrial, ingressa como uma síndrome profunda da disfunção do bem-estar. Baudrillard a caracteriza como o novo mal do século, e a define como sem causa. Não se caracteriza pelos desgastes físicos, mas por efeitos psicossomáticos como desgaste nervoso e depressividade. É uma constante em nossa cultura de massa: a mesma sociedade que considera direcionada pela eliminação do esforço pelos avanços tecnológicos surge como uma sociedade do estresse, apresentando um grande déficit entre o equilíbrio individual e o coletivo, e cada vez mais se multiplica pelos avanços técnicos diários.

Baudrillard declara que não se trata de mistificação, mas sim de uma contra-estratégia expressa e positiva: trabalho de absorção e de aniquilamento da cultura, do saber, do poder, do social, um trabalho imemorial, mas que hoje assume toda a sua envergadura. Para ele existe um antagonismo profundo, que obriga a uma inversão de todos os cenários aceitos onde o sentido não seria mais a linha de força ideal de nossas sociedades, sendo que escapa apenas um resíduo destinado a ser reabsorvido qualquer dia - ao contrário, é o sentido que é somente um acidente ambíguo e sem prolongamento.

E isso também é verdadeiro para os indivíduos: nós somos apenas episodicamente condutores de sentido, no essencial e em profundidade nós *nos comportamos como massa*, vivendo a maior parte do tempo num modo pânico ou aleatório, aquém ou além do sentido<sup>151</sup>.

---

<sup>151</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p.15-16.

A mesma sociedade que consome, se cansa. A sociedade totalitária, prega o consumo desmedido e controla todos os nossos níveis econômicos, do saber, desejo, corpo e pulsões, os confrontando e os manipulando nos processos contínuos de diferenciação e super-diferenciação<sup>152</sup>. Diante das constantes possibilidades de mobilidade social ou possíveis práticas e meios de fruição (entre eles, os tecnológicos) e todas as distorções internas entre necessidades e aspirações, ocorre à desintegração do ser. Baudrillard considera esta fadiga como uma “recusa passiva” do homem às normas da sua existência, porém, se caracteriza como uma “violência latente”, sendo esta uma das respostas possíveis a estes movimentos. Da mesma forma, a depressividade e fadiga podem se converter em “violência aberta”.

Por ser uma contestação enraizada no próprio corpo, não se cura a fadiga com atividades musculares ou desportos. Em determinadas condições é a única coisa que um indivíduo desapossado consegue prender-se. Todos os sintomas da fadiga se inter-relacionam e se substituem tal qual a lógica do consumo: deixam de estar relacionados à função objetiva dos objetos, as necessidades e as satisfações se sucedem, se referem e se substituem, umas as outras, em função da insatisfação fundamental e de caráter ilimitado.

O equilíbrio entre um trabalho e sua remuneração, entre o mérito e o desfrute, pode ser, para além de qualquer moral burguesa, uma medida de si e uma forma de resistência. Se algo lhe vem sem equivalente, essa satisfação pode ser inexprimível. [...] Há aí uma espécie de lei que não tem nada a ver com a moral burguesa. Mais próximo de nós, citemos a confusão mortal das pessoas super-expostas à riqueza e à felicidade - como clientes de uma grande loja aos quais se oferece escolher o que desejam: é o pânico. Ou ainda esses vinhateiros a quem o Estado oferece mais dinheiro para arrancar suas vinhas do que ganhariam trabalhando nelas. São muito mais desestruturados por este

---

<sup>152</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.194.

prêmio inesperado do que pela tradicional exploração de força de trabalho<sup>153</sup>.

As estratégias de desejo intensificam a culpabilização e a urgência hedonista. São apresentados possíveis destinos que perfumam o cotidiano. Os prejuízos culturais, devido à racionalização técnica e da produção em massa, são incalculáveis; a obsolescência acelerada que abandona antigas estruturas criando novos procedimentos sociais sem benefícios sensíveis ao modo de vida. Uma parcela significativa da população é incapaz de manter o ritmo, tornando-se rejeitados.

A quantidade desses indivíduos cresce descontroladamente, repercutindo inexoravelmente no aumento dos custos sociais. Em uma sociedade de produção, essas pessoas não possuem utilidade, já que todos os bens que a demanda atual e futura é capaz de absorver podem ser produzidos, sem que elas sejam mantidas em seus empregos. Em uma sociedade de consumidores, estas pessoas são os “consumidores falhos”, carentes de poder aquisitivo que possibilitaria o aumento do potencial de consumo, criando novas demandas para a indústria do consumo que, visando o lucro, não pode responder de maneira lucrativa. Os consumidores são os principais ativos da sociedade de consumo, enquanto os consumidores falhos são os seus passivos mais irritantes e custosos<sup>154</sup>.

Baudrillard assinala que talvez mais grave ainda seja exatamente a obsolescência dos homens, devido ao custo do progresso rápido que gerou a obsessão geral pela insegurança: a pressão psicológica e social da mobilidade, do estatuto, da concorrência a todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura, etc.) torna-se cada vez mais pesada a todos. Necessita-se de mais tempo para se recriar e reciclar, para recuperar e compensar o desgaste psicológico e nervoso causado pelos múltiplos danos: trajeto

---

<sup>153</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993, p. 65.

<sup>154</sup> BAUMAN, Z. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 53.

domicílio-trabalho, superpopulação, agressões, e *estresse* contínuos. Em última análise, o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra<sup>155</sup>.

### 3.6 A Ilusão Vital

Vive-se sempre a ilusão de alguma coisa, terá um termo, terá, então, um sentido, permitirá restituir retrospectivamente a origem e, com esse começo e esse fim, autorizará o jogo de causas e efeitos. Para Baudrillard, a ausência de fim dá a impressão de que toda a informação que recebermos não é mais que algo deglutido, ruminado; que tudo já estava ali, que nos confrontamos com uma mescla melodramática de acontecimentos que não sabemos se realmente ocorreram, se foram ou não substituídos por outros – o que é bem diferente de um acontecimento que não poderia deixar de ter acontecido. O acontecimento fatal que marca verdadeiramente o fim, mas que tem, por sua fatalidade mesma, o selo de acontecimento.

Até agora foi claramente dada prioridade a análise das formas históricas determinadas, de acordo com oposições claras: o capital e o trabalho. No entanto, na atualidade da esfera do trabalho se volta flutuante e o próprio conceito perdeu sua definição<sup>156</sup>. Na contagem regressiva, o tempo que sobra já é passado, e a utopia máxima da vida cede espaço à utopia mínima de sobrevivência.

Baudrillard diz que estamos experimentando tempo e história numa espécie de coma: não é mais o futuro que se estende à nossa frente, mas uma dimensão

---

<sup>155</sup> BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70, p.35.

<sup>156</sup> BAUDRILLARD, J. *El Intercambio Imposible*. Madrid: Ediciones Catedra, 2000, p.28.

anoréxica – a impossibilidade de qualquer coisa tendo chegado ao fim<sup>157</sup> e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de ver além do presente. Predição, a memória do futuro, diminui na mesma proporção que a memória do passado. Quando existe uma transparência geral, quando tudo pode ser visto, nada mais pode ser previsto<sup>158</sup>.

Devemos agora colocar a questão da destinação do projeto científico. Temos de considerar a possibilidade de que o próprio “progresso” da ciência não segue a linha reta, mas uma curva – uma curva torcida ou flexionada que regressa para a involução total. E devemos perguntar se esta solução final para a qual estamos inconscientemente trabalhando não é a destinação secreta da natureza, bem como de todos os nossos esforços. Isso lança uma luz particularmente incômoda sobre tudo o que ainda hoje insistimos em enxergar como uma evolução positiva, como um “*passo adiante*”<sup>159</sup>.

Todo problema de abandonar um pensamento crítico que é a essência de nossa cultura teórica, mas que pertence a uma história, à vidas anteriores. O universo convencional do sujeito e do objeto, dos fins e dos meios, do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, já não corresponde ao estado de nosso mundo. As dimensões normais, de tempo, de espaço, de determinação, de representação, e, também do pensamento crítico e reflexivo, são enganosos. O universo discursivo do psicológico, do sociológico, do ideológico que nos envolve é uma armadilha<sup>160</sup>.

---

<sup>157</sup> “O que existe além do fim? Além do fim estende-se a realidade virtual, o horizonte de uma realidade programada na qual todas as nossas funções – memória, emoções, sexualidade, inteligência – se tornam progressivamente inúteis (...). A contagem regressiva é o código do desaparecimento automático do mundo, e todas as nossas pequenas iniciativas beneficentes, por meio dos quais antecipamos este desaparecimento. Cf. BAUDRILLARD, J. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.43.

<sup>158</sup> BAUDRILLARD, J. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.42-43.

<sup>159</sup> *Ibidem*, p.14-15.

<sup>160</sup> BAUDRILLARD, J. *El Intercambio Imposible*. Madrid: Ediciones Catedra, 2000, p.25.

Estamos em uma espécie de desvitalização das relações de forças, das relações sociais, em benefício de uma interface virtual e de resultados coletivos difusos, na encruzilhada de todos os fluxos especulativos, fluxo de empregos, fluxo de capitais, fluxo de informação<sup>161</sup>.

Baudrillard acredita que já passamos do ponto da irreversibilidade, que já chegamos a uma forma exponencial e ilimitada, em que tudo se desenvolve no vazio, sem poder mais ser apreendido em uma dimensão humana; onde a memória do passado, a projeção do futuro e a possibilidade de integrar esse futuro em uma ação presente se perdem. Para ele já estaríamos em um estado abstrato, onde as ações continuam por inércia e se tornam simulacros delas mesmas, onde o problema proposto pela história não é o de ela ter tido fim, como queria Fukuyama; mas sim de que ela não terá fim e, por isso, não terá mais finalidade”<sup>162</sup>.

---

<sup>161</sup> Ibidem, p.29.

<sup>162</sup> BAUDRILLARD, J. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001, p.55.

## 4 CONCLUSÃO

A sociedade afluyente entrega-se às suas mercadorias, como um modelo de comportamento e de pensamento. Ao reduzir a autodeterminação, condensando a linguagem e embotando o pensamento, criam-se novas e falsas necessidades e a maioria se rende ao estabelecido, barrando pensamentos, fazendo com que não se veja alternativa para o modo como a vida é organizada<sup>163</sup>. A exposição obscena da sociedade afluyente não provoca vergonha, nem culpa, apesar deste modelo social violar alguns dos mais fundamentais tabus de nossa civilização<sup>164</sup>.

Uma nova sociedade, para Marcuse, deveria ser pensada segundo outros critérios: o modelo não é uma sociedade de consumo, caracterizada pelo desperdício e pela ânsia de aquisições. A alternativa histórica, segundo o filósofo, seria a utilização planejada dos recursos para a satisfação das necessidades vitais, com o mínimo de labuta, transformação das horas de lazer em tempo livre, pacificação da luta pela existência.

Acredito que a submissão do homem ao trabalho será suprimida e que as forças produtivas e os meios de produção sejam administrados e determinados em bases verdadeiramente democráticas pelas pessoas que devem beneficiar-se deles. [...] Acredito que com o passar do tempo a enorme contradição entre, por um lado, a riqueza social, o que a sociedade realmente pode se permitir em termos de legítima satisfação de necessidades, e, por outro, a utilização miserável e destruidora dessa riqueza, que esta contradição com o passar do tempo, precisa encontrar consciência e que evidentemente se tornará mais aguda, possivelmente fazendo explodir a consciência. Já existem sinais disso.<sup>165</sup>

---

<sup>163</sup> CAMPOS, M.T.C. *Marcuse – Realidade e Utopia*. São Paulo: Annablume, 2004. p.15.

<sup>164</sup> KELLNER, D. Marcuse and the Quest for Radical Subjectivity, in ABROMEIT, J.(org) e COOB, W.M (org). *Herbert Marcuse: A critical reader*. New York: Routledge, 2004, p.125.

<sup>165</sup> MARCUSE, Herbert: *A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 16-17.

Segundo Marcuse, a rentabilidade produtora e a luta pelo consumo têm um grande papel estabilizador ao fixar à libido das pessoas a boa marcha do sistema. Estas sociedades opulentas liberam nos indivíduos uma grande quantidade de energia agressiva, é necessário então dominar o inimigo exterior e interior para que este absorva a destrutibilidade inconsciente. Uma vez que a economia se acelera tecnicamente e se internaliza, a mobilização armada e psicológica se acentua<sup>166</sup>.

A sociedade de consumo aparece repressivamente (exatamente porque promove a satisfação das necessidades que requerem continuação, trabalhando com e pelos meios de produção), atendendo necessidades contemporâneas, reiterando o caráter afirmativo vigente. Interpretando Ernst Bloch, Marcuse se utiliza da ideia de Utopia Concreta que se refere a uma sociedade em que os homens não precisam mais viver sua vida como um meio para conquistar existências alienadas: utopia, porque tal sociedade ainda não existe em parte alguma até hoje; concreta, porque tal sociedade representa uma possibilidade histórica real<sup>167</sup>.

Marcuse sinaliza contra forças que se opõem à unidimensionalidade do consumo, já que a “única saída para uma repaginação desse cenário é que os próprios consumidores abandonem essa espécie de consumo [...] voltando assim à interiorização da oposição. A oposição à sociedade de consumo precisa vir de dentro, de fora não há o que fazer”<sup>168</sup>.

---

<sup>166</sup> GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.149.

<sup>167</sup> LOUREIRO, Isabel (org.) *MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 161.

<sup>168</sup> *Ibidem*, p. 183.

Sob uma “satisfação compensatória”, os indivíduos inertes apoiaram seus líderes, até mesmo quanto à ameaça de autodestruição, pois, na sociedade industrial avançada, a satisfação está sempre ligada à destruição: contínua violação da natureza, procura incessante de novas fontes de energia, envenenamento do meio ambiente. Todos, resultados de uma expansão global, apoiada cegamente pela manipulação massiva e progressiva para a destrutibilidade.

As compensações apropriadas, geradas pelo caráter afirmativo, segundo Marcuse, anestesiam a análise ampla da ideia de destrutibilidade, já que esta ideia não se refere apenas à destruição de recursos naturais de satisfação e humanos para geração de satisfações; mas também a destrutibilidade que envolve questões de cunho mais amplo, como a flexibilidade para invocação da destrutibilidade para qualquer assunto de “interesse nacional” patrocinado pelo crescimento vertiginoso da indústria bélica e seu aparato midiático para este fim<sup>169</sup>.

Qualquer oposição a este modelo não se mantém facilmente, pois deve estar baseada numa tentativa de análise e exaltação dos próprios problemas, preocupação com os próprios impulsos e com a própria psique: um retorno para dentro de si que abre e recaptura uma nova dimensão de transformação social, uma política na primeira pessoa. A possibilidade de transformação passa pelos indivíduos que, atuando em grupos ou não, permanecem como os agentes da transformação histórica.

Marcuse diz que a rebelião contemporânea de pequenos grupos se caracteriza por uma frequente tentativa desesperada de reagir à negligência em relação ao indivíduo que se encontra na prática radical tradicional. Segundo ele, essa política, na primeira pessoa, reage a uma sociedade de integração eficaz, onde o processo de introjeção afirmativa nivela os indivíduos na superfície e suas necessidades e aspirações introjetadas

---

<sup>169</sup> Ibidem, p. 140.

são universalizadas; tornando-se gerais e comuns a toda a sociedade, porém, esta mudança pressupõe uma desintegração desta universalidade<sup>170</sup>.

Uma transformação cultural seria o objetivo. Marcuse manteve a esperança em uma alternativa como uma resposta ao domínio crescente da racionalidade tecnológica e as falhas da classe operária na tentativa de realizar uma nova ordem política emancipatória<sup>171</sup>.

Para uma sociedade mais rica, as questões mais importantes seriam a cultura, a liberdade e a autenticidade pessoal, contra a eficiência completa a produção incessante de bens de consumo. Nesta visão, trabalhadores qualificados, técnicos e especialistas se mostrariam insatisfeitos com as regras unidimensionais, pressionariam por maiores espaços e participações nas decisões, demandando maiores integrações sociais e autogerenciamento que culminariam em uma nova estrutura técnica e econômica dentro da sociedade técnica e de consumo<sup>172</sup>. Mesmo que a hierarquia e a burocracia vigente argumentassem contra a impossibilidade de tal desdobramento, Marcuse sinaliza que este modelo não necessita dessas formas burocráticas e autoritárias de decisão, já que o mesmo poderia ser repensado e organizado de forma que a hierarquia da administração e decisão autoritária não partisse de uma hierarquia de dominação e alienação<sup>173</sup>.

O trabalho poderia ser ao mesmo tempo produtivo e criativo, sem os severos elementos de dominação e alienação. O ser humano, em uma não excedente ordem social repressiva, não necessitaria se sacrificar no trabalho podendo até mesmo aproveitar-se a si próprio (e não falsamente) em seu tempo pós-trabalho. A raiz da reinterpretação de

---

<sup>170</sup> LOUREIRO, Isabel (org.) *MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 150.

<sup>171</sup> BRONNER, S.E. *Of Critical Theory and its Theorists*. Cambridge & Oxford: Blackwell, 1994, p. 251.

<sup>172</sup> GOLDMANN, L. *Understanding Marcuse*. In BERNSTEIN, J. *The Frankfurt School – Critical Assessments*. London and New York: 1994, Vol. IV, p.131.

<sup>173</sup> AGGER, B. *Work and Authority in Marcuse and Habermas*. In BERNSTEIN, J. *The Frankfurt School – Critical Assessments*. London and New York: 1994, Vol. V, p.90.

Marcuse sobre os conceitos marxistas de trabalho e lazer converge para um espaço onde o ser humano se engajaria em um trabalho útil sem abandonar sua criatividade individual<sup>174</sup>.

Essa nova realidade pressuporia uma transmutação dos interesses das satisfações compensatórias por uma atitude emancipatória, que já está presente, mas se apresenta distorcida e reprimida. As ações necessárias para a confirmação da emancipação passam por uma análise crítica da redução do trabalho socialmente gerado para criação e compensação das necessidades afirmativas em favor do trabalho criativo; qualificação do tempo livre e autônomo para não somente afirmar esta nova lógica, mas reinventar o lazer dirigido; por fim, a representação de papéis; redução do “barulho constante da produção”<sup>175</sup>.

Essa transformação para ele seria historicamente possível, porém, além das questões já apresentadas, como o poder opressivo e a força compensatória da sociedade estabelecida com suas vantagens introjetadas, a análise das raízes desta repulsa pelos próprios indivíduos a esta alternativa pode ser analisada. O impulso primário de morte e destruição é movido pela tentativa do retorno à satisfação e liberdade encontradas na vida uterina, ou seja, anterior à vida consciente.

A exteriorização deste impulso além do indivíduo é direcionado a outros seres vivos e a natureza, como um desvio para a morte. O esforço para um estado de libertação pertence a Eros, às pulsões de vida, que serviriam para a preservação e fortalecimento da vida, uma progressiva restauração tanto da natureza interna quanto externa aos seres humanos<sup>176</sup>.

---

<sup>174</sup> AGGER, B. *Work and Authority in Marcuse and Habermas*. In BERNSTEIN, J. *The Frankfurt School – Critical Assessments*. London and New York: 1994, Vol. V, p.86.

<sup>175</sup> LOUREIRO, Isabel (org.) *MARCUSE, Herbert: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998, p. 150.

<sup>176</sup> Freud supõe que a civilização, reclamando a repressão dos instintos, nutre em seu seio o perigo da própria ruína. A vitória de Eros sobre Tânatos se consoma ao preço de uma precária contenção dos impulsos destrutivos. A tese de Marcuse consiste na afirmação de que na sociedade de massa, esse potencial, se

Esta análise é uma tentativa de Marcuse quanto ao esclarecimento de que o movimento ecológico não é somente um movimento político, mas também psicológico de libertação: político porque confronta o poder combinado do capital; psicológico porque a pacificação da natureza exterior passa por uma pacificação interior do homem<sup>177</sup>.

Já existem condições técnico-produtivas para se construir uma nova sociedade e terminar, de uma vez, com as necessidades materiais da humanidade, porém, o marco repressor impede que se leve adiante esta tarefa. A análise que Marcuse faz da automatização ilustra seu ponto de vista com relação a esta sociedade possível: a automatização se expressa com evidência contra o contraste de suas possibilidades benéficas e de seu adequado uso.

Ele poderia permitir um mundo não governado pelo trabalho obrigatório, que instiga a fadiga e tarefas embrutecedoras com o domínio do tempo livre não administrado, porém, o nosso sistema econômico resiste em considerar qualquer movimento para a redução da jornada de trabalho e incrementar atividades criativas não consumísticas<sup>178</sup>. O trabalho desqualificado como função produtiva se converte em objeto de uma exigência sem fim, de um direito inalienável a própria alienação, enquanto o destino negativo do escravo industrial está condenado a desaparecer<sup>179</sup>.

---

acentua, pois no advento desta sociedade não existe um conceito outrora previsto na psicanálise, já que a sociedade se torna sem pai. Para ele, esta sociedade sem pai é percebida nos aspectos da transição da livre concorrência à competição organizada, o reforço da estrutura burocrática de poder, produção irracional e em série, o consumo em massa e a extensão do controle social a um número crescente de atividades antes privadas. Marcuse pensa que a sociedade contemporânea se dirige para um tipo de controle impessoal não mais mediatizados pelos superegos individuais. MERQUIOR, J.G. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1969, p.30.

<sup>177</sup> Ibidem, p. 152.

<sup>178</sup> GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985, p.147.

<sup>179</sup> BAUDRILLARD, J. *El Intercambio Imposible*. Madrid: Ediciones Catedra, 2000, p.49.

A interpretação de Baudrillard, para o fascínio que o ser humano possui para os movimentos de desaparecimento das coisas, parece complementar a ideia de impulso primário para destruição citado por Marcuse: admiramos o desaparecimento do sentido, das mensagens, das referências. Criamos meios de circulação rápida, de objetos para exatamente fazê-los desaparecer, da mesma forma como intencionamos o desaparecimento do social, da política e até mesmo da própria da produção<sup>180</sup>.

Para Baudrillard, o ritmo da mortalidade das espécies artificiais é ainda mais rápido que o das espécies naturais. Ao tomar um curso artificial, nossa espécie pode estar marchando ainda mais rapidamente em direção ao seu próprio declínio. Tudo isso decorre de um fato relatado por ele como estranho: aparentemente a raça humana não pode suportar a si própria, não pode reconciliar-se consigo própria.

Paralelamente à violência, que ela dirige aos outros seres vivos, existe uma violência peculiar à humanidade, que ela dirige contra si própria. É como se por meio desta violência auto-infligida, os indivíduos se preparar para, de agora em diante, se tornar sobreviventes de alguma grande catástrofe iminente. Como se, sempre se sentindo orgulhosa e convencida de sua superioridade, a humanidade ainda assim se ressentisse do processo evolucionário que a elevou à sua posição privilegiada e a impulsionou, de alguma maneira, além de seus limites naturais sob a forma de espécie<sup>181</sup>.

Uma vez que o humano não é mais definido em termos de transcendência e liberdade, mas em termos de funções e de equilíbrio biológico, a própria definição do humano começa a se apagar, ao lado da definição de humanismo. Baudrillard

---

<sup>180</sup> BAUDRILLARD, J. *Game with Vestiges*. In GANE, M. *Baudrillard Live: Selected interviews*. Londres e Nova York: Routledge, 1993, p.85.

<sup>181</sup> BAUDRILLARD, J. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.24-25.

cita que o humanismo ocidental já havia sido desafiado pela irrupção de outras culturas, como no início do século XVI. Agora o assalto não é somente contra uma cultura particular, mas contra toda a espécie: para ele existe uma desregulação *antropológica*, que ao lado da desregulação de todos os códigos morais, jurídicos e simbólicos em que se fundava o humanismo. Para ele seria tanto o capital individual quanto o capital da espécie estão ameaçados pela erosão dos limites do humano, pela descida rumo não somente ao inumano, mas rumo a algo que não é nem humano nem inumano: isto é, a simulação genética da vida<sup>182</sup>.

Uma sociedade que compele à disciplina do trabalho, disciplina de um tipo que só é tolerável quando seus membros são induzidos a valorizar o trabalho pelo próprio trabalho e na qual a ordem social é exploratória, competitiva e, portanto, divisória, é uma sociedade que tem de reprimir e de dirigir o desejo de prazer para fins individuais limitados; daí resultando que tal desejo amiúde se transforma numa fonte de frustração e de destruição. Em contraste a isso, “O abandono impuro e irracional às relações sexuais representaria a mais intensa entrega ao prazer como tal, bem como equivaleria à total desvalorização do trabalho-pelo-próprio-trabalho.” Pois esse abandono tornaria os indivíduos conscientes de sua total falta de satisfação no processo do trabalho e, desse modo, os levaria a não mais tolerar a ordem social burguesa. Outrossim, existindo a ordem social burguesa, a sexualidade deve ser frustrada<sup>183</sup>.

Os valores universais na esfera da modernidade foram aniquilados, dizimados. Não há mais valores de transcendência, estamos num funcionamento total, operacional, estratégico. Valores como a democracia ou direitos humanos são instrumentalizados a serviço da própria superpotência, que age em contraponto ou mesmo em contradição com seus próprios valores<sup>184</sup>. A ideia de progresso desapareceu, mas o progresso continua. A ideia de riqueza que sustenta a produção desapareceu, mas a produção continua firme. Ao contrário, ela acelera-se à medida que torna-se indiferente as

---

<sup>182</sup> BAUDRILLARD, J. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.28-29.

<sup>183</sup> MACINTYRE, A. *As Ideias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970, p.17.

<sup>184</sup> BAUDRILLARD, J. *Abre Aspás – Diálogos Contemporâneos por Fernando Einchenberg*. São Paulo: Globo, 2006, p.56.

suas finalidades de origem<sup>185</sup>. Tantas coisas são produzidas e acumuladas que nunca mais terão tempo de servir, tantas mensagens e sinais serão difundidos, que nunca mais terão tempo de ser lidos<sup>186</sup>.

Baudrillard fala de um crescimento excessivo, e não de crescimento, podendo esse formato “invadir a teoria social da fábrica, da economia ou da produção”. Esta seria uma superprodução que ninguém entende, mas que nesse momento encontra uma lógica em sua proliferação<sup>187</sup>. Defende que iremos emergir uma espécie de energia irreduzível. Quanto mais o sistema se globaliza, mais cria discriminações. Essa globalização é também uma fratura total; cada vez mais haverá dois universos paralelos que não terão mais nada em comum. Há nisso uma tensão potencial muito forte. E há uma resistência por todo lado e em todos os níveis contra essa homogeneização total<sup>188</sup>.

Se chegarmos ao fim dessa globalização, será a fase terminal, a solução final, a abolição de toda singularidade. Por meio do sistema escolar, da mídia, da cultura e da informação de massa, seres singulares tornam-se cópias idênticas um dos outros. É este tipo de clonagem – clonagem social, a reprodução industrial de coisas e pessoas – que torna possível a concepção biológica do genoma e da clonagem genética, que apenas sanciona a clonagem do comportamento humano e da cognição humana<sup>189</sup>. Em cada sociedade e em cada indivíduo há algo que resiste a isso, que diz “não”, há uma espécie de cálculo integral do mundo, que Baudrillard chama de realidade integral: o pensamento só terá sentido se criarmos uma espécie de resistência<sup>190</sup>.

---

<sup>185</sup> BAUDRILLARD, J. *A Transparência do Mal* – Ensaio sobre os fenômenos extremos. Campinas: Papyrus, 1992, p.12.

<sup>186</sup> *Ibidem*, p.39.

<sup>187</sup> BAUDRILLARD, J. *The Power of Reversibility That exists in the Fatal*. In GANE, M. *Baudrillard Live: Selected interviews*. Londres e Nova York: Routledge, 1993, p.43.

<sup>188</sup> BAUDRILLARD, J. *Abre Aspás* – Diálogos Contemporâneos por Fernando Einchenberg. São Paulo: Globo, 2006, p.57.

<sup>189</sup> BAUDRILLARD, J. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p.31.

<sup>190</sup> BAUDRILLARD, J. *Abre Aspás* – Diálogos Contemporâneos por Fernando Einchenberg. São Paulo: Globo, 2006, p.50.

O que outrora para os filósofos se chamou vida converteu-se na esfera do privado e, em seguida, apenas do consumo, a qual, como apêndice do processo material da produção, se arrasta sem autonomia e sem substância própria. Quem quiser experimentar a verdade sobre a vida imediata deve indagar a sua forma alienada, os poderes, objetivos que determinam, até ao mais recôndito, a existência individual. Falar com imediatidade do imediato dificilmente é comportar-se de modo diverso dos escritores de novelas que enfeitam as suas marionetes com as imitações da paixão de outrora, quais adornos baratos e que deixam atuar personagens que nada mais são do que peças da maquinaria, como se ainda pudessem agir enquanto sujeitos e algo dependesse da sua ação. A visão da vida transferiu-se para a ideologia que cria a ilusão de que já não há vida. Mas a relação entre a vida e a produção, que degrada efetivamente aquela a um fenómeno efêmero desta, é de todo absurda. Invertem-se, entre si, o meio e o fim. Ainda não se eliminou totalmente da vida a suspeita do inconsequente *quid pro quo*. A essência reduzida e degradada luta tenazmente contra o seu encantamento de fachada<sup>191</sup>.

A alteração das relações de produção depende prioritariamente do que ocorre na esfera do consumo, na simples forma reflexa da produção e na caricatura da verdadeira vida: na consciência e inconsciência dos indivíduos. Só em virtude da oposição à produção, enquanto não de todo assimilada pela ordem, podem os homens suscitar uma produção mais dignamente humana da mesma forma como se pode ressignificar a própria existência. Se de todo se eliminar a aparência da vida, que a própria esfera do consumo com tão más razões defende, triunfará, então, o malefício da produção absoluta.

---

<sup>191</sup> ADORNO, T. *Minima Moralia*. Lisboa: Edições 70, p.4.

## 5 REFERÊNCIAS

ADORNO, T. HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_, T. *Minima Moralia*. Lisboa: Edições 70.

AGGER, B. *Work and Authority in Marcuse and Habermas*. In BERNSTEIN, J. *The Frankfurt School – Critical Assessments*. London and New York: 1994, Vol. V.

ARENDT, H. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAUDRILLARD, J. *A Sociedade de Consumo*. Lisboa: Edições 70.

\_\_\_\_\_, J. *A Ilusão Vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_, J. *A Sombra das Maiorias Silenciosas*. São Paulo: Ed. Brasiliense.

\_\_\_\_\_, J. *A Transparência do Mal – Ensaio sobre os fenômenos extremos*. Campinas: Papyrus, 1992.

\_\_\_\_\_, J. *Game with Vestiges*. In GANE, M. *Baudrillard Live: Selected interviews*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.

\_\_\_\_\_, J. *El Intercambio Imposible*. Madrid: Ediciones Catedra, 2000.

\_\_\_\_\_, J. *Las Estrategias Fatales*. Barcelona: Editorial Anagrama, 1984.

\_\_\_\_\_, J. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

\_\_\_\_\_, J. *Simulacros e Simulações*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

\_\_\_\_\_, J. *The Power of Reversibility that exists in the Fatal*. In GANE, M. *Baudrillard Live: Selected interviews*. Londres e Nova York: Routledge, 1993.

BAUMAN, Z. *Globalização: As Consequências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

\_\_\_\_\_, Z. *Medo Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

\_\_\_\_\_, Z. *Vidas Desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

- BAYCE, R. *Jean Baudrillard: incompreendido, fermental, audaz*. Ciências Sociais UNISINOS, vol.43, n.02 (maio/agosto 2007) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.
- BRONNER, S.E. *Of Critical Theory and its Theorists*. Cambridge & Oxford: Blackwell, 1994.
- CALDAS, M.P. *Demissão: Causas, Efeitos e Alternativas para a Empresa e Indivíduo*. São Paulo: Atlas, 2000.
- CALVINO, I. *As Cidades Invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- \_\_\_\_\_, I. *Assunto encerrado – Discursos sobre literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CAMPOS, Maria T.C. *Marcuse – Realidade e Utopia*. São Paulo: Annablume, 2004.
- CARDOSO, I. *A geração dos anos de 1960: o peso de uma herança*. Tempo soc.; vol.17, no.2, São Paulo Nov. 2005.
- CHANLAT, J. (org.). *O Indivíduo na Organização – Dimensões Esquecidas Vol.1*. São Paulo: Ed. Atlas, 1996.
- CHOMSKY, N. *O Governo do Futuro*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- DELEUZE, G. *Conversações, 1972-1990*. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DEJOURS, C. *A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
- DORIA, F.A. *Marcuse – Vida e obra*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1983.
- FEENBERG, A. *Heidegger and Marcuse: The catastrophe and redemption of history*. New York: Routledge, 2005.
- FERREIRA, J.; AMARAL, A. Memória eletrônica e desterritorialização. Revista Sociologia, n.04, abril 2004, p.137-166.
- FREITAS, V. *Adorno e a Arte Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- FROMM, E. *Ter ou ser?* Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.
- GOLDMANN, L. *Understanding Marcuse*. In BERNSTEIN, J. *The Frankfurt School – Critical Assessments*. London and New York: 1994, Vol. IV.
- GUASP, J.T. e MORENO, C.R. *Marcuse, Fromm, Reich: El Freudomarxismo*. Madrid: Editoria Cincel, 1985.

HABERMAS, J. *O Futuro da Natureza Humana: o caminho para uma eugenia liberal?* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *Técnica e Ciência como ideologia*. Lisboa: Edições 70, 2006.

KELLNER, D. Marcuse and the Quest for Radical Subjectivity, in ABROMEIT, J.(org) e COOB, W.M (org). *Herbert Marcuse: A critical reader*. New York: Routledge, 2004.

KELLNER, D. *Herbert Marcuse and Vicissitudes of Critical Theory*. In Towards a Critical Theory of Society – Collected Papers of Herbert Marcuse. London and New York: Routledge, Vol. 2.

LIPOVETSKY, G. *Os Tempos Hipermodernos*. São Paulo: Editora Barcarolla, 2004.

LOUREIRO, I. (org.) *Marcuse: A Grande Recusa hoje*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

MACINTYRE, Alasdair. *As Idéias de Marcuse*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1970.

MARCUSE, H. *Cultura e Sociedade - Vol.1*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Sociedade - Vol.2*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Ideias Sobre uma Teoria Crítica da Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

\_\_\_\_\_. *Materialismo Histórico e Existência*. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1968.

\_\_\_\_\_. *O Homem Unidimensional - A Ideologia da Sociedade Industrial*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MERRIN, W. *Baudrillard and the Media – A Critical Introduction*. Cambridge: Polity Press, 2005.

MERQUIOR, J.G. *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: 1969.

MORGAN, G. *Imagens da Organização*. São Paulo: Atlas, 1996.

PETERS, T.J. *Vencendo a Crise*. São Paulo: Harbra, 1986.

RICOUER, P. *O único e o singular*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.

RUIZ, M.N. *El Cementerio de las ilusiones*. Ciências Sociais UNISINOS, vol.43, n.02 (maio/agosto 2007) – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2001.

RUSSELL, B. *No que acredito*. Porto Alegre: LP&M, 2007.

SCHELER, M. *Da reviravolta dos Valores*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.

SOUZA, Ricardo Timm de. Por uma pedagogia da alteridade: repensando a educação com Levinas, in. CARBONARI, P. C., COSTA, J.A., DALMAS, G (Org.), *Ética, Educação e Direitos Humanos - Estudos em Emmanuel Levinas*. Passo Fundo: IFIBE, 2008.

STALDER, F. *Manuel Castells: Key contemporary thinkers*. Cambridge: Polity Press, 2006.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)